

Afirmativa

plural

ANO 7 - Nº 33 - AFROBRAS, SEM EDUCAÇÃO NÃO HÁ LIBERDADE



Hillary no Quilombo da Zumbi

BRADESCO. A MARCA DE BANCO BRASILEIRO MAIS VALIOSA DO MUNDO.

O Bradesco sempre acreditou no valor da presença. Por isso, é o único banco privado a estar em todos os municípios brasileiros. Mas, para o Bradesco, presença é mais que geografia. É estar em todos os segmentos de mercado e ser especializado em cada um deles. É promover a inclusão bancária, levando produtos e serviços de qualidade a pessoas de todas as classes sociais. É apoiar o desenvolvimento social e o crescimento econômico do Brasil. São esses os valores do Bradesco. E são eles que levam nossa marca a grandes conquistas como estas: única presença brasileira nas 10 primeiras posições do ranking Top 500 Banking Brands e do Top 10 Varejo em levantamento das marcas mais valiosas do setor bancário mundial, realizado pela Brand Finance para a revista inglesa The Banker.

bradesco.com.br



Bradesco

Entrevista Especial	
Zezé Motta	8
Capa	
Hillary, a escolhida de Obama	14
Especial	
Mulheres e Negras	22
Consciência Negra	
21 de Março, um dia de reflexão	32
Entrevista com a cantora Alcione	34
Cidadania	
Histórias e lutas - <i>Benedita da Silva</i>	36
Política	
O voto feminino e a mulher negra - <i>Theodosina Rosário Ribeiro</i>	40
Esporte	
Irmãs Williams, exemplo de sucesso	42
Mercado de Trabalho	
O trabalho dignifica “também” às mulheres	44
Empreendedorismo	
A coragem de recomeçar	48
Comportamento	
Mulheres negras no processo de desenvolvimento sustentável - <i>Alzira Rufino</i>	50
Helena, uma pequena vitória - <i>Deise Nunes</i>	52
Dia da Mulher - <i>Maria Clementina de Souza</i>	54
A boa notícia má - <i>Maria Ceíça</i>	56
A nova condição feminina - <i>Joyce Ribeiro</i>	58
Perfil	
No compasso da primeira dama	60
Beyoncé, a dama que brilha	62
A mais poderosa do mundo	66
Opinião	
Mulheres negras - <i>Dulcinéia Novaes</i>	70
Turismo	
Cidades femininas	74
Reflexões	
Um olhar amoroso em travessia por outras travessias - <i>Laura Cavalcante Padilha</i>	78
Afirmativo	
Onde está a mulher negra? - <i>Eliane Barbosa da Conceição</i>	80
Preto e Branco	
Ruth de Souza	82

Índice

Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras - Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural, Centro de Documentação, através da: Editora Unipalmares Ltda., CNPJ nº 08.643.988/0001-52. Com periodicidade bimestral. Ano 7, Número 33 - Av. Santos Dumont, 843 - Bairro Ponte Pequena - São Paulo/SP - Brasil - CEP 01101-080 - Tel. (55 - 11) 3229-4590. www.afrobras.org.br

CONSELHO EDITORIAL: José Vicente • Francisca Rodrigues • Ruth Lopes • Raquel Lopes • Cristina Jorge • Nanci Valadares de Carvalho • Humberto Adami • Sônia Guimarães.

DIREÇÃO EDITORIAL E EXECUTIVA: Jornalista Francisca Rodrigues (Mtb.14.845 - francisca@afrobras.org.br)

FOTOGRAFIA: J. C. Santos • Miro Ferreira • Milton Nespatti • Divulgação.

COLABORADORES: Dulcinéia Novaes (dulcineianovaes@globo.com)

REDAÇÃO: Rejane Romano (Mtb. 39.913) - rejane@afrobras.org.br • Eliane Almeida (Mtb. 39832) - eliane.almeida@zumbi dospalmares.edu.br • Daniela Gomes (Mtb. 43168) - daniela@afrobras.org.br • Monica Santos (Mtb. 031066) - monica@afrobras.org.br • Tel. (11) 3229-4590

ASSINATURA E ANÚNCIOS: Taíse Oliveira (taise@afrobras.org.br) Tel. (11) 3229-4590

PUBLICIDADE: Maximagem Mídia Assessoria em Comunicação Tel.(11) 3229-4590.

CAPA: Foto de Milton Nespatti/Signe

EDITORAÇÃO: Alvo Propaganda e Marketing (revistas@alvopm.com.br).

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Laborgraf.

Agradecemos ao Museu Afro Brasileiro por cessão de fotos.

Março, o mês pra ficar na história

Esta edição da Afirmativa Plural de número 33 é muito especial: por que é a primeira do ano; reflete sobre 21 de Março, Dia Internacional de Luta contra a Discriminação Racial e por que traz matérias especiais sobre mulheres e negras. Procuramos trazer um pouco da história da mulher negra, da escravidão aos dias de hoje, contando algumas trajetórias, algumas informações sobre quem foram essas pioneiras na luta contra a escravidão, contra o machismo de suas épocas etc.

Claro que não temos como não falar do sofrimento de todas nós mulheres para alcançarmos vitórias em nossas empreitadas, já que até hoje, as negras sofrem com a discriminação por serem mulher e negra. A violência sexual dentro do próprio lar, o assédio moral nas relações, a escravidão da estética européia e receber o

revista é Plural e coroar o sucesso do mês de março, trazemos uma matéria especial com a Secretária de Estado norte-americana, Hillary Clinton, a mulher mais importante da política global, representando Barack Obama, primeiro presidente negro dos Estados Unidos, eleito por um povo declaradamente racista.

Hillary esteve nada mais nada menos que na Faculdade Zumbi dos Palmares, que tem em seu quadro 90% de alunos negros autodeclarados, sendo o único compromisso fora da esfera de governo. Ela esteve discutindo ações afirmativas e sexismos, além de aspectos relevantes da atualidade, com alunos, professores e representantes da sociedade civil.

E como já dissemos, março realmente é “O” mês para nós, negros brasileiros. Pela primeira vez na história do Brasil, aconteceu entre os dias 3 e 5, uma audiência no

menor salário da pirâmide social são alguns exemplos de matérias que a Afirmativa traz nesta edição. As mulheres negras no Brasil escravocrata e pós escravidão buscavam formas de sustento e se tornaram as primeiras empreendedoras de que se tem notícia. Eram as quitandeiras, vendeiras ou ganhadeiras que na sua grande maioria, sustentavam os filhos e até seus companheiros, fato reconhecido até hoje por pesquisas de mercado de trabalho.

Buscamos trazer histórias e perfis de mulheres guerreiras, empreendedoras, vencedoras, professoras, mestres, artistas, enfim, exemplos de que nós, negras, também podemos, basta termos oportunidade. Aliás, muitas vezes, até forçando acontecer estas oportunidades e as agarrando com unhas e dentes. São as Oprah, Michelle

Obama, Winnie Mandela, Rosa Parks, Dinamar, Beyoncé, Ruth de Souza, Dulcinéia, irmãs Williams e tantas outras que vocês conhecerão nesta edição.

E para mostrar que nossa

Supremo Tribunal Federal (STF) em torno da temática racial, sobre a constitucionalidade de políticas de ação afirmativa de acesso ao ensino superior. O ministro Ricardo Lewandowski previu que o tema poderá ser votado pelo Plenário do STF ainda neste ano, no julgamento da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 186 e no Recurso Extraordinário (RE) 597.285/RS, dos quais é relator.

O ministro avaliou que os debates tiveram alto nível por terem abordado não só aspectos jurídicos, mas aspectos históricos, sociológicos, econômicos, filosóficos, biológicos, demográficos. De acordo com o relator, o material do fórum vai subsidiar os ministros a tomarem uma decisão a mais justa possível em relação às duas ações que estão em julgamento nesta Casa.

É esperar e vermos a justiça ser feita.

Boa leitura!

*Francisca Rodrigues,
Editora executiva.*

ditorial

**A conveniência
do Itaú é
como o futebol
neste país:
está em
todo lugar.**

Nas agências, nos caixas
eletrônicos, no telefone,
na internet e no celular.

Itaú feito
para
você





Zezé Motta

Por Mônica Santos, da redação

a C onsagração de uma estrela

|| Muito prazer eu sou Zezé / mas você pode me chamar como quiser / eu tenho a fama de ser maluquete / ninguém me engana nem joga confete / má pra quem gosta de amar e segredo / eu sou um prato cheio / eu quero dar uma colher / eu sou Zezé da terra do Sol / da lua de mel / da cor do café. ||

Estes trechos da música *Muito Prazer Zezé* de Rita Lee e Roberto de Carvalho não conseguem falar tudo da personalidade da mulher, atriz, cantora, ativista e agora Superintendente da Igualdade Racial do Estado do Rio de Janeiro, Maria José Motta, mais conhecida por Zezé Motta, mas, sem dúvida traduzem um pouco do que se sabe daquela que é considerada uma das mais importantes atrizes negras do Brasil e homenageada com o Troféu Raça Negra 2009.

Ela que começou a carreira de atriz em 1967, estrelando a peça Roda-viva, de Chico Buarque, chegou a ser conhecida internacionalmente apenas como Xica da Silva, ícone do cinema brasileiro, estrela do filme clássico de Carlos Diegues, de 1976. A personagem também ganhou destaque na televisão. A vida e trajetória dessa canceriana, nascida em Usina Barcelos, interior de Campos, é contada em livros e revistas. Nesta edição da Afirmativa Plural, Zezé Motta coloca com propriedade os projetos que pretende desenvolver enquanto Superintendente da Igualdade Racial do Rio de Janeiro e os trabalhos para a TV, cinema e música.

Afirmativa: *Como é para você atuar como Superintendente da Igualdade Racial do Estado do Rio de Janeiro?*

Zezé Motta: Mais uma missão em

minha vida. Estou muito emocionada com este convite da secretária Benedita da Silva para ocupar este cargo, porque eu faço parte do movimento negro desde sempre e sempre dizia que queria fazer parte desse movimento para preparar um mundo melhor, um mundo menos desigual para meus filhos e netos. Então, fico muito emocionada de estar aqui vendo a luta do negro avançar. Ainda viva e participando até mesmo de uma superintendência.

Afirmativa: *Quais são os projetos que vocês vêm desenvolvendo na superintendência?*

Zezé Motta: Olha, nós temos muito trabalho lá. Nós cuidamos da questão do índio, dos ciganos (que são muito discriminados) e cuidamos da questão dos negros e dos quilombolas. É muita coisa a ser feita, porque quando a gente vai visitar os quilombolas, a gente vê logo que eles têm necessidades básicas como saneamento, saúde, escolas muito longes. Tem quilombola que anda 15 quilômetros para chegar a escola. Isso desanima as crianças. Então, a gente está fazendo um apanhado de tudo isso, passando para nosso ministro Edson Santos, da Igualdade Racial, para que o governo, já que está tomando providências em todos esses setores, melhore a qualidade de vida dos quilom-

bolas, por exemplo. Quando eu tomei posse, uma das coisas que percebi quando fui ler quais as questões que eu tinha que dar prioridade, vi uma pasta escrita: *Saúde da População Negra*. Aí, na minha ignorância eu disse: “Gente que maluquice, saúde é para todo mundo”. Mas fui aprofundar e realmente descobri que é um assunto que se tem que ter consciência e tomar providências. Os negros são vítimas de doenças características só dos negros e que são coisas graves, como é o caso da Anemia Falciforme. É uma doença séria que leva a óbito e que a população não tem consciência da doença nem das suas características. Então, nós estamos com um projeto de levar essa preocupação para o ministro da saúde, para que faça uma campanha de conscientização.

Afirmativa: *Criar uma área específica para cuidar desses problemas?*

Zezé Motta: Exatamente.

Afirmativa: *Falamos muito sobre consciência. Na sua visão, enquanto atuante do Movimento Negro, o que falta para adquirir essa consciência negra? Nós podemos dizer que somos conscientes da nossa etnia?*

Zezé Motta: O que acho importante é que quando eu ingressei no Movimento Negro, 30 anos atrás, esse assunto era tabu. Era uma discussão muito fechada entre nós negros. Agora não, esse assunto deixou de ser tabu. É discutido inclusive em novelas no horário nobre. É discutido no cinema, abertamente. Nós temos também aliados não negros. Isso é importante, porque eu me lembro de um discurso do professor Cândido Mendes em que ele dizia que a questão da desigualdade no Brasil, nessa questão de raça, não podia ser uma preocupação só dos negros, mas de todo brasileiro que tem se preo-

cupado com a justiça e que sabe que não existe um grupo superior ao outro. Somos todos iguais. Então, nós estamos bastante animados. Estamos em um momento muito especial. Estamos aguardando realmente a votação do documento sobre a igualdade racial.

Afirmativa: *O Estatuto da Igualdade Racial?*

Zezé Motta: Do Estatuto da Igualdade Racial que vai ser um grande avanço se aprovado, se assinado. Um grande avanço para nossa luta.

Afirmativa: *Falando um pouco sobre sua área enquanto atriz, nós temos a Taís Araújo sendo protagonista da novela das oito da TV Globo (horário nobre). O que isso muda para o artista negro?*

Zezé Motta: É mais uma conquista para a comunidade negra e o que é importante não só para o artista negro ter mais espaço e ser protagonista. Mas é interessante também para trabalhar a auto-estima dos negros de uma forma geral, para o negro se ver retratado, com a dignidade de que ele merece. Ele tem que se ver também nos meios de comunicação. Porque antigamente, eles diziam que o negro só fazia papéis subalternos, porque estava repetindo o que acontecia na vida real.

Afirmativa: *Representando a realidade?*

Zezé Motta: É. Isso não é verdade. Tudo bem, não somos muitos nas universidades, não somos muitos médicos, nem engenheiros, mas não somos todos motoristas e nem domésticas. Temos uma diversidade também. Temos médicos, engenheiros, arquitetos sim, professores.

Afirmativa: *É uma oportunidade*

para mostrar, ver e acreditar que é possível?

Zezé Motta: Hoje, temos até ministros, juízes. Então, não corresponde à realidade achar que tem que ser retratado apenas com papéis subalternos.

Afirmativa: *E voltando um pouco na questão da consciência negra. Hoje, a gente sabe que o negro, mesmo nas escolas, ainda é vítima de muito preconceito com piadinhas e muito mais. Qual deve ser a postura da família negra no processo de educação dos filhos?*

Zezé Motta: Eu acho que quando uma criança é discriminada a família tem que ter conhecimento disso, tem que orientá-la a não aceitar isso. Os professores têm que ficar sabendo. Mas agora nós temos uma coisa muito interessante também acontecendo que é a lei 10.639. Você me perguntava, a quantas eu achava que

|| Estamos ainda nessa luta pela Igualdade Racial, enquanto a gente não conquista tudo... abre as asas sobre mim ó senhora liberdade. Eu fui condenado sem merecimento por um sentimento, por uma paixão... ||

estava a consciência do negro. Eu acho que vai depender muito dessa lei agora que torna obrigatória a história da África e do negro nas escolas. Essa lei vai ser muito importante para conscientização na base desde pequenini-

nho. Vai trabalhar a questão da auto-estima, porque o garoto vai saber que ele não é apenas descendente de escravos, mas pelo contrário, ele é descendente de reis e rainhas africanos. Então, a execução dessa lei vai ser muito importante. O estatuto também. Acabar com essa discussão de que não é importante a cota nas faculdades. Enfim, devagarzinho a gente vai conquistando espaço.

Afirmativa: *Com relação ao Rio de Janeiro, temos aqui um grande número de descendentes de africanos e, a maioria, como nós mesmos comentamos, ainda vive à margem do sistema de educação, saúde, habitação. O negro na política pode ajudar a mudar esse cenário?*

Zezé Motta: Sem dúvida. Estamos precisando de mais deputados, mais vereadores, mais ministros, mais juízes. Assim, como nas artes, por exemplo, para que o artista negro tenha mais espaço tem que ter autores negros, produtores, empresários negros, enfim. Eu acho que precisamos ocupar espaços, sermos mais, nos multiplicarmos em todos os departamentos, para que realmente conseguimos mudar esse jogo.

Afirmativa: *E quais os projetos na arte da dramaturgia?*

Zezé Motta: (Risos) Bom, eu acabei de fazer um filme muito interessante com a Xuxa. Um papel muito curioso porque chama-se “O Mistério da Feirinha”. É uma visitação a todas as princesas de contos de fadas já adultas com filhos. É uma comédia muito divertida e sou eu quem conto essa história às crianças. Adorei ter feito o filme. Gravei uma minissérie na Globo, chamada Cinquentinha. Pretendo gravar um novo CD. São muitos planos. ■

Mate sua sede de qualidade de vida.

Nestlé Pureza Vital.
Beba melhor. Viva melhor.





MAIS PESSOAS DESCOBRINDO SUA IMPORTÂNCIA. VAMOS FAZER JUNTOS?

O José Júnior, fundador do AfroReggae, investe com criatividade em ações sociais e fez deste programa um dos maiores de educação artística e profissional do País. O Santander apoia essa ideia e outras iniciativas que tornam a sociedade mais justa. Vem junto. Siga-nos no [@santander_br](https://twitter.com/santander_br), acesse santander.com.br/valordasideias e inspire-se.

 Santander

VALORIZANDO IDEIAS
POR UMA VIDA MELHOR

*Por Ana Luiza Biazeto,
especial para Afirmativa*

Hillary, no quilombo da Zumbi

Mulher mais importante da política global, Hillary elogia nível de perguntas de alunos e competência dos professores da Faculdade Zumbi dos Palmares

Apenas um dia, 3 de março de 2010. Esta foi a data da visita ao Brasil da secretaria de Estado norte-americana, Hillary Clinton, quando encontrou-se com o presidente Lula, participou de poucas outras atividades oficiais e seguiu para São Paulo, onde mais de 600 pessoas a aguardavam.

A Faculdade Zumbi dos Palmares foi escolhida pela Embaixada dos Estados Unidos no Brasil e pelo Consulado Geral dos Estados Unidos em São Paulo para ser palco de debate entre estudantes, representantes de

ONGs, instituições educacionais, empresários e representantes do governo e Hillary.

Na faculdade, a secretaria respondeu as perguntas dos alunos, reuniu-se com empresários, foi assediada pela mídia nacional e internacional.

Trajada de azul, certamente não sabia que a cor trazida no corpo simbolizava Ogum, divindade guerreira da mitologia africana, desbravadora nos caminhos da luta pela sobrevivência, responsável por abrir novos caminhos. Para os dirigentes da fa-

culdade e daqueles envolvidos nesse projeto de ensino, a vinda de Hillary é, sim, um novo caminho, uma maneira de mostrar ao mundo o pioneirismo e a seriedade da primeira faculdade da América Latina com 90% de negros auto-declarados. “É o reconhecimento de que a Zumbi é uma realidade, uma conquista”, mencionou o reitor, José Vicente.

A secretaria deparou-se com olhares de negros e brancos orgulhosos pela trajetória da instituição que, após anos de afirmação no ensino



superior, recebeu a visita de uma das mulheres mais influentes da atualidade, representante do primeiro negro eleito presidente dos Estados Unidos, Barack Obama.

Hillary, como pediu para ser chamada, sem formalidades, não presenciou o que antecedeu a visita: de um lado para o outro, seguranças da embaixada norte-americana, polícia federal, cães de guarda e farejadores pelas instalações do prédio, ansiedade dos que trabalhavam no evento. Cinegrafistas e repórteres disputavam centímetros do solo para o melhor ângulo, a melhor imagem.

Ação afirmativa contra racismo e sexism

A secretária de Estado norte-americana, Hillary Clinton, durante uma hora, tratou de diversas temáticas contemporâneas, dentre elas o progresso que os Estados Unidos têm trilhado por anos através do movimento de direitos cívicos, pelo trabalho árduo e sacrifício de líderes como Martin Luther King Jr., e outros.

“Nós nos modificamos e transformamos as leis dos Estados Unidos de forma que não haja mais barreiras jurídicas ilegais que impeçam os afro-americanos de se realizarem em matéria de profissão, negócios e educação, para terminar com a discriminação”, orgulhou-se.

Sem otimismo exagerado, Hillary afirmou que o racismo nos Estados Unidos não acabou, assim como o sexism e outras formas de discriminação que existem em todo mundo, mas que o país progrediu nesse contexto e a ação afirmativa teve papel relevante.

Apesar da crítica sofrida como método de busca pela equidade, de

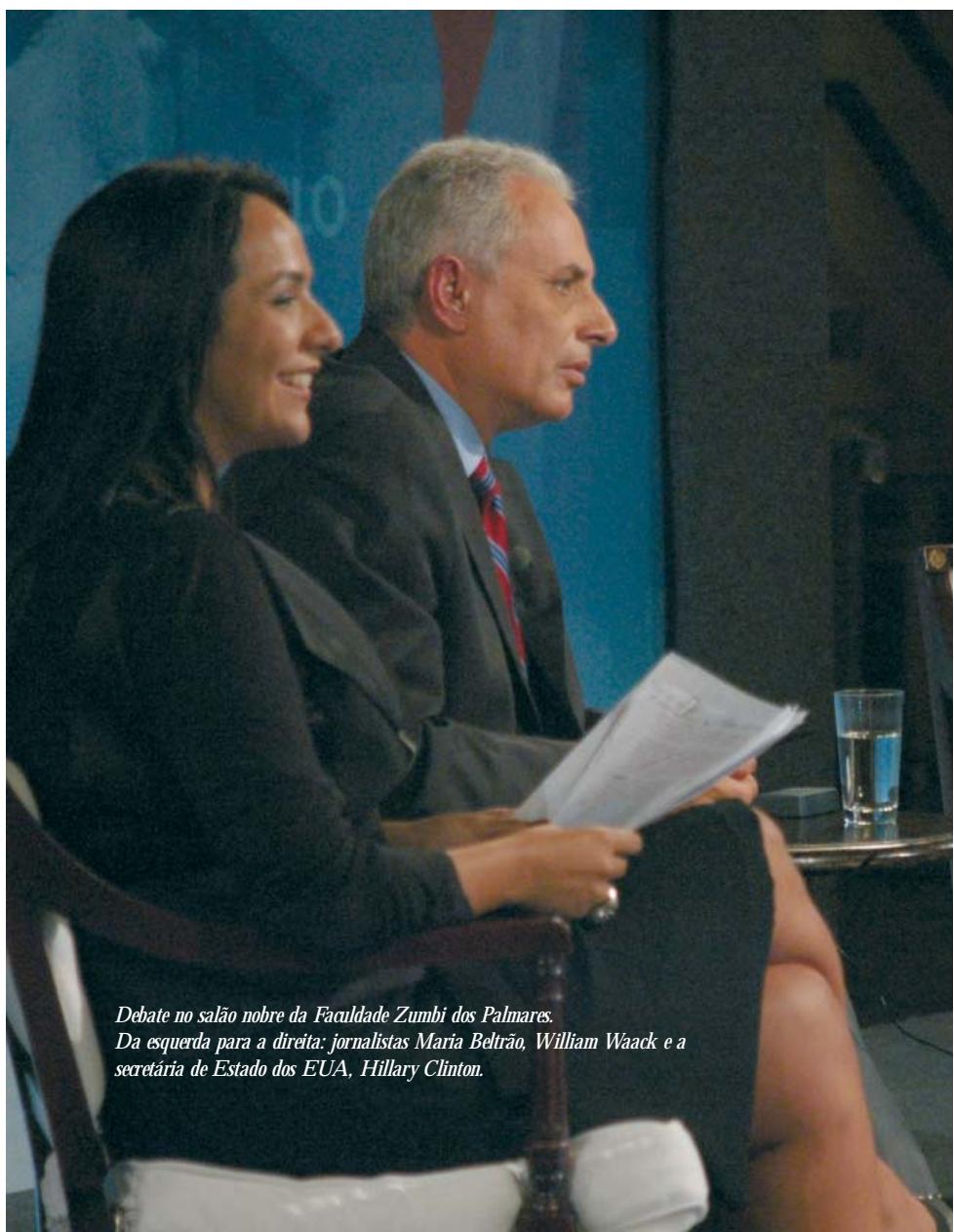
acordo com ela, a ação afirmativa ajudou a combater os vestígios da segregação e da escravidão e colaborou para o progresso dos Estados Unidos. “A ação afirmativa não é tão utilizada atualmente no nosso país, porque temos o sentimento de que existe mais igualdade, mas nem por isso deixam de existir crianças pobres, brancas e negras ou outras, que nascem em circunstâncias que lhes são muito desfavoráveis.

Essas crianças precisam de mais ajuda em termos de educação e saúde e daquilo que elas precisam para

ter uma vida melhor”, enfatizou.

Para boa parte da população norte-americana e do mundo todo, a eleição de Barack Obama foi a maior realização de todas, porque demonstrou que um afro-americano pode ser o presidente dos Estados Unidos, avaliou Hillary.

Na corrida presidencial de 2008 com Obama, a secretaria concorreu arduamente contra o atual dirigente da nação norte-americana, no entanto viu a conquista de Obama como “um grande tributo ao povo e sistema americanos”.



Debate no salão nobre da Faculdade Zumbi dos Palmares.

Da esquerda para a direita: jornalistas Maria Beltrão, William Waack e a secretária de Estado dos EUA, Hillary Clinton.

Agora a expectativa de Hillary é que o mesmo tipo de progresso ocorra no Brasil e em outros países.

A América Latina tem as presidentes do Chile, Michelle Bachelet, e da Argentina, Cristina Kirchner, como exemplos de mulheres que chegam ao topo da política, entoa Hillary, e da mesma forma, há no Brasil as candidatas à presidência da República, Dilma Rousseff e Marina Silva.

De acordo com a secretária, esta participação feminina na política é um excelente sinal daquilo que é possível na equidade de gênero, no en-

tanto ainda há barreiras na participação da mulher neste e em outros segmentos, algumas psicológicas, outras culturais ou históricas.

A violência doméstica foi levantada como bandeira de luta, “porque ela não pode ser tolerada onde quer que seja e em qualquer momento”.

Mencionou também os direitos iguais para meninos e meninas que devem ser assegurados nas escolas, na saúde, e que apesar de não ser um problema tão grande nesse continente, ele existe em outros lugares do mundo.

Cotas combatem barreiras históricas

Apesar de desconhecer as especificidades da realidade brasileira, Hillary citou dados que chamou de “significativos” no país, quando questionada sobre as cotas para negros nas universidades. “Os afrodescendentes no Brasil representam mais de 50% da população, mas apenas 2% deles são estudantes universitários. Isto para mim indica que é preciso tomar medidas especiais para recrutar e aceitar estudantes afro-brasileiros nas universidades.”

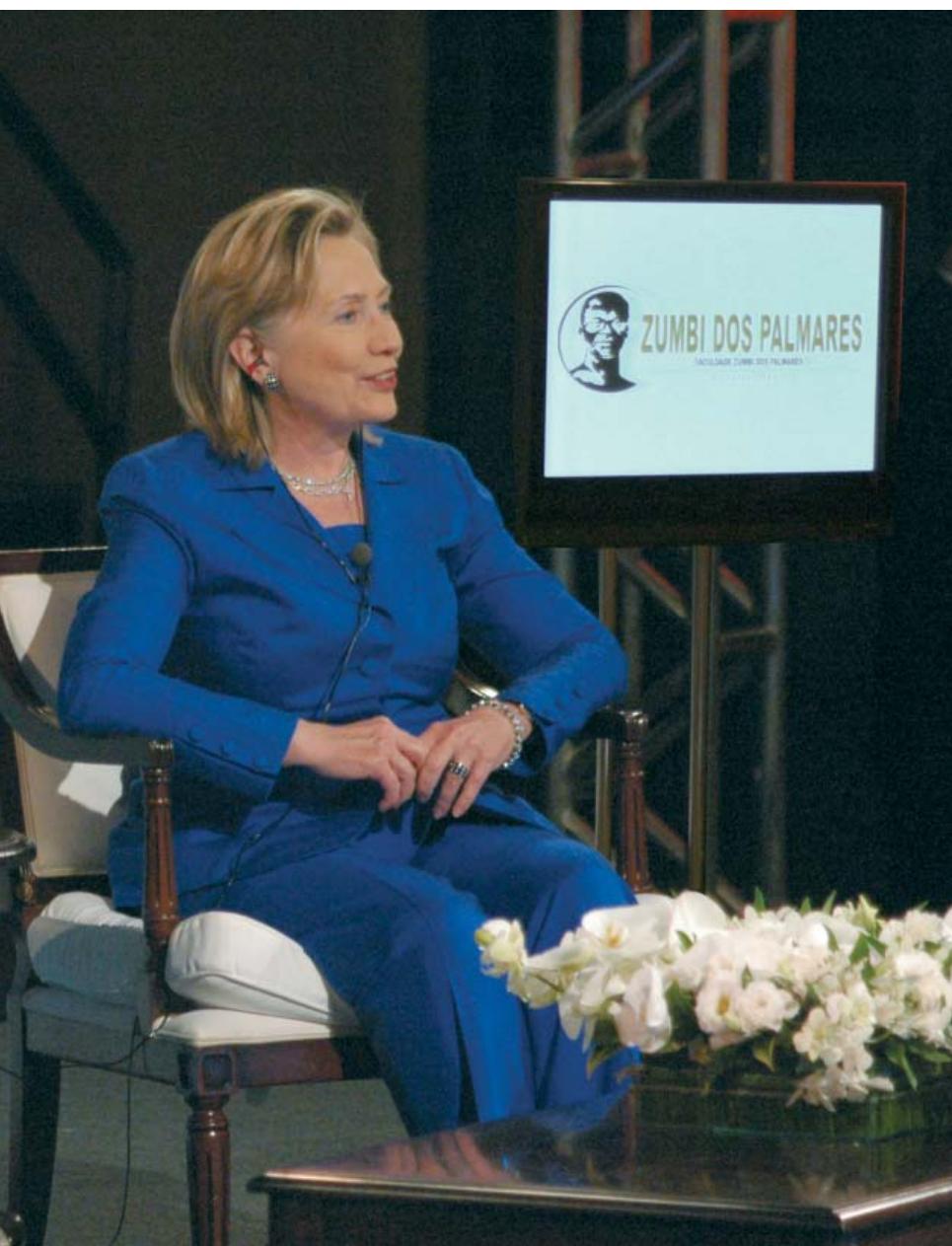
Experientes e convictos da efetividade da ação afirmativa, nos Estados Unidos, segundo a secretária, a medida foi uma oportunidade para os afro-americanos entrarem na universidade e não uma garantia de diploma.

Citou a própria atuação como professora de Direito: “ensinei estudantes afro-americanos que tinham entrado pela ação afirmativa na faculdade.

Meus alunos tinham grande motivação, eram ambiciosos, mas a formação educacional que eles tinham recebido antes da faculdade, por vezes não os tinha preparado bem para concorrer com os outros estudantes universitários”. Ainda sobre os anti-gos alunos, Hillary afirmou dedicar tempo ministrando cursos particulares, para que tivessem êxito.

Para ela, a ação afirmativa é um reconhecimento de que as barreiras históricas dificultaram a entrada de algumas pessoas na universidade, é uma forma de dar possibilidade maior a todos.

A secretária foi incisiva ao dizer que “talento é universal, oportunidade não, por isso quanto maiores as oportunidades numa sociedade dinâ-



mica como o Brasil, maior número de pessoas poderá contribuir para o avanço do país".

Oportunas as palavras de Hillary sobre o impacto das políticas de ações afirmativas para os cidadãos norte-americanos. Concomitantemente à visita da secretária, acontecia pela primeira vez na história do Brasil uma audiência no Supremo Tribunal Federal em torno da temática racial, sobre a constitucionalidade de políticas de ação afirmativa de acesso ao ensino superior.

Aproximação por semelhanças

A secretária de Estado norte-americana, Hillary Clinton quer a aproximação entre Brasil e Estados Unidos. "Queremos um intercâmbio cada vez maior, que cada vez mais americanos venham para o Brasil e brasileiros vão aos Estados Unidos", disse.

Hillary afirmou que o grande número de consulados no Brasil torna difícil a obtenção de vistos para bra-

sileiros e que junto ao embaixador americano no país discute avanços para aumentar os intercâmbios entre os dois países. Disse ainda que o Brasil e os Estados Unidos são os dois países mais parecidos no mundo, "porque somos países grandes, pluralistas, dinâmicos, somos povos felizes" e são essas semelhanças que objetivam a aproximação de ambos.

No que concerne às questões ambientais, Hillary lembrou que todos os países devem se perguntar o que fazer para preservar o que foi herdado das gerações anteriores.

Comparou a beleza natural brasileira e a norte-americana e destacou que há 140 anos, os dirigentes americanos começaram a criar parques nacionais para conservar o patrimônio natural.

Convite a Obama

Hillary elogiou os alunos da Faculdade Zumbi dos Palmares que a questionaram sobre diferentes assuntos e acrescentou que, pela qualida-

de das perguntas, imaginava a altíssima competência dos professores da instituição. Ao despedir-se, a secretária comprometeu-se a repassar o convite feito pelos presentes no evento e pelo presidente Lula ao presidente dos Estados Unidos. "Vou falar ao Barack que o Brasil o espera."

Que seja mesmo um presságio a visita de Hillary Clinton. O percurso para a vinda de Barack Obama ao país foi traçado.

A repercussão no Quilombo da Zumbi

Os alunos da Faculdade Zumbi dos Palmares esgotaram a disponibilidade de credenciamento em apenas três horas no dia anterior da visita da secretária de Estado norte-americana, Hillary Clinton.

Ansiosos, os alunos estavam exaustos com a vinda da autoridade.

"Eu não esperava, não imaginava que fosse possível", declarou Luciano Palmeira, aluno do 7º semestre de Administração.



Debate com Hillary no Salão Nobre da Zumbi.

“Fiquei surpresa com a vinda dela aqui”, explicou Magnólia Costa, do 1º semestre de Direito.

A professora Eliane Barbosa, que leciona Administração de Produção, ressaltou a importância simbólica deste momento.

“A experiência vivida nos Estados Unidos vai nos demonstrar a emergência do Brasil evoluir quanto a questões raciais. É importante que os alunos percebam que ser aguerrido nos estudos pode elevá-los a outro patamar”, afirmou.

O cineasta, diretor do filme “Bróder”, recentemente exibido no Festival de Berlim, com estréia prevista no Brasil em agosto deste ano, Jefferson De, que também é conselheiro da Zumbi, acredita ser este um momento chave para a história do povo brasileiro. “Ouvir uma pessoa tão importante e engajada, nos remete a uma reflexão. Temos de deixar de ser uma nação do futuro e nos tornarmos uma nação do presente. A maneira como os Estados Unidos implementaram as ações afirmativas foi dura. Chegou a nossa vez de partir para o enfrentamento”, disse o cineasta.

O jornalista e conselheiro da Zumbi, Rosenildo Ferreira, comentou sobre a escolha da faculdade como o único compromisso não-governamental da secretaria no Brasil. “Isto demonstra que os valores da instituição estão sendo reconhecidos. A Zumbi é uma grande porta de acesso para os alunos”, destacou Rosenildo.

O diretor acadêmico da Zumbi, Edson Miranda, complementa que “este momento histórico consolida a Zumbi como uma instituição reconhecida internacionalmente”.



José Vicente, reitor da Zumbi, cumprimenta Hillary Clinton após descerrarem placa alusiva à sua visita na faculdade.

A secretaria ainda antecipou aos alunos da Zumbi, que em conversa com empresários brasileiros, representantes de empresas americanas no país, serão disponibilizadas 50 bolsas de estudos, de língua inglesa, para a faculdade.

Ao final, a secretaria de Estado ainda tirou fotos ao lado da placa comemorativa à visitação e autografou livros de sua autoria para os alunos.

Entre os alunos a sensação de alegria e contentamento era unânime. “Amei, amei”, diziam uns. “Estou muito feliz”, diziam outros.

Para Gilberto Fabiano, do 4º semestre de Direito, a noite foi única. “Eu participei de um momento histórico. Dentre tantas faculdades de São Paulo, a Zumbi foi escolhida. Isto mostra que este projeto é maravilhoso”, finalizou. ■

STF faz audiência pública sobre Cotas

Da Agência afrobrasnews

No mesmo dia da marcante visita da Secretaria de Estado norte-americana, Hillary Clinton, à Faculdade Zumbi dos Palmares – 3 de março -, acontecia pela primeira vez na história do Brasil, uma audiência no Supremo Tribunal Federal (STF), presidida pelo Ministro Ricardo Lewandowski, em torno da temática racial, sobre a constitucionalidade de políticas de ação afirmativa de acesso ao ensino superior, para discutir a constitucionalidade das cotas na Universidade de Brasília (UNB).

No grande fórum de debates sobre a política de reserva de vagas em universidades públicas com base em critérios raciais, as chamadas cotas, participaram 38 especialistas de diversas entidades da sociedade civil e representantes dos Três Poderes.

A decisão de ouvir setores da sociedade civil a respeito da matéria partiu do ministro Ricardo Lewandowski, relator da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF 186) ajuizada pelo Partido Democratas (DEM) contra a política de reserva de vagas em universidades públicas com base em critérios raciais.

Primeiros a se manifestar, os defensores da constitucionalidade das cotas foram pontuais ao ressaltar que as cotas são maneiras de segregar a

sociedade brasileira e também ao defender o mito da democracia racial brasileira, defendida pelo antropólogo Gilberto Freyre, ainda na década de 30 e derrubada em 2002 pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso, ao reconhecer o racismo e criar o Programa Nacional de Ações afirmativas.

Com falas marcadas pela afirmação de que o Brasil é um país onde todos têm acesso ao ensino superior, os representantes afirmaram que a criação das cotas ao invés de gerar reparação à população negra brasileira, iria apenas intensificar a discriminação racial no Brasil.

A segunda etapa do debate trouxe as explanações dos defensores das constitucionalidades das cotas. Logo na primeira fala, o representante da rede Conectas Direitos Humanos, Oscar Vilhena, relembrou que desde sua origem as cotas defendem o princípio da igualdade, já que foram criadas na Índia por Mahatma Ghandi para combater a exclusão causada pelo sistema de castas no país. Para Vilhena o sistema de cotas vem corrigir uma falha nos processos de seleção, que hoje é uma forma de recompensar investimentos feito por países ricos, o que resulta em uma representação desproporcional no ambiente universitário.

O pesquisador ressaltou ainda

que o critério de seleção das cotas precisa ser racial pois é nesse quesito que o Ipea, o IBGE e outros institutos de pesquisa demonstram que está a diferença no Brasil.

Antropólogo e Diretor do Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo, o professor Kabengele Munanga, relatou sua experiência em ser o único desde sua entrada como aluno na universidade na década de 70, até hoje quando prestes a se aposentar, não consegue ver a possibilidade de ter um substituto negro para seu cargo. “Nesse tempo todo não entrou nenhum professor negro na instituição” declara.

O relato do professor da Universidade Federal de Minas Gerais, Leonardo Avritzer, sobre sua participação em reuniões que definiram o Amicus Curiae no caso Grutter versus Bollinger que julgou a constitucionalidade das cotas na Universidade de Michigan, ressaltou o fato de que por mais que as sociedades americanas e brasileiras tenham suas particularidades, as ações afirmativas são importantes nos dois países, não apenas no ambiente universitário, mas para construir um mercado de trabalho competitivo.

Última participação do segundo dia de audiência, o presidente da Organização Não Governamental Afro-



José Vicente, durante audiência no STF.

bras e reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, José Vicente, aproveitou a ocasião para entregar um memorial com assinaturas dos alunos e professores da Zumbi, apoiando a constitucionalidade das cotas. Reforçou o fato de que as cotas já são uma realidade no Brasil há mais de dez anos e comoveu o plenário ao apresentar um vídeo com falas de autoridades em defesa das ações afirmativas e cenas da real situação do negro no Brasil.

“As cotas, no ambiente educacional produziram interação e integração entre negros e brancos. Tornou o espaço mais representativo da sociedade e promoveu o reflexo e reformulação de conceitos. Permitiu a inclusão de novos valores e de diferentes visões de mundo, além de descobrir e forjar novos talentos. No am-

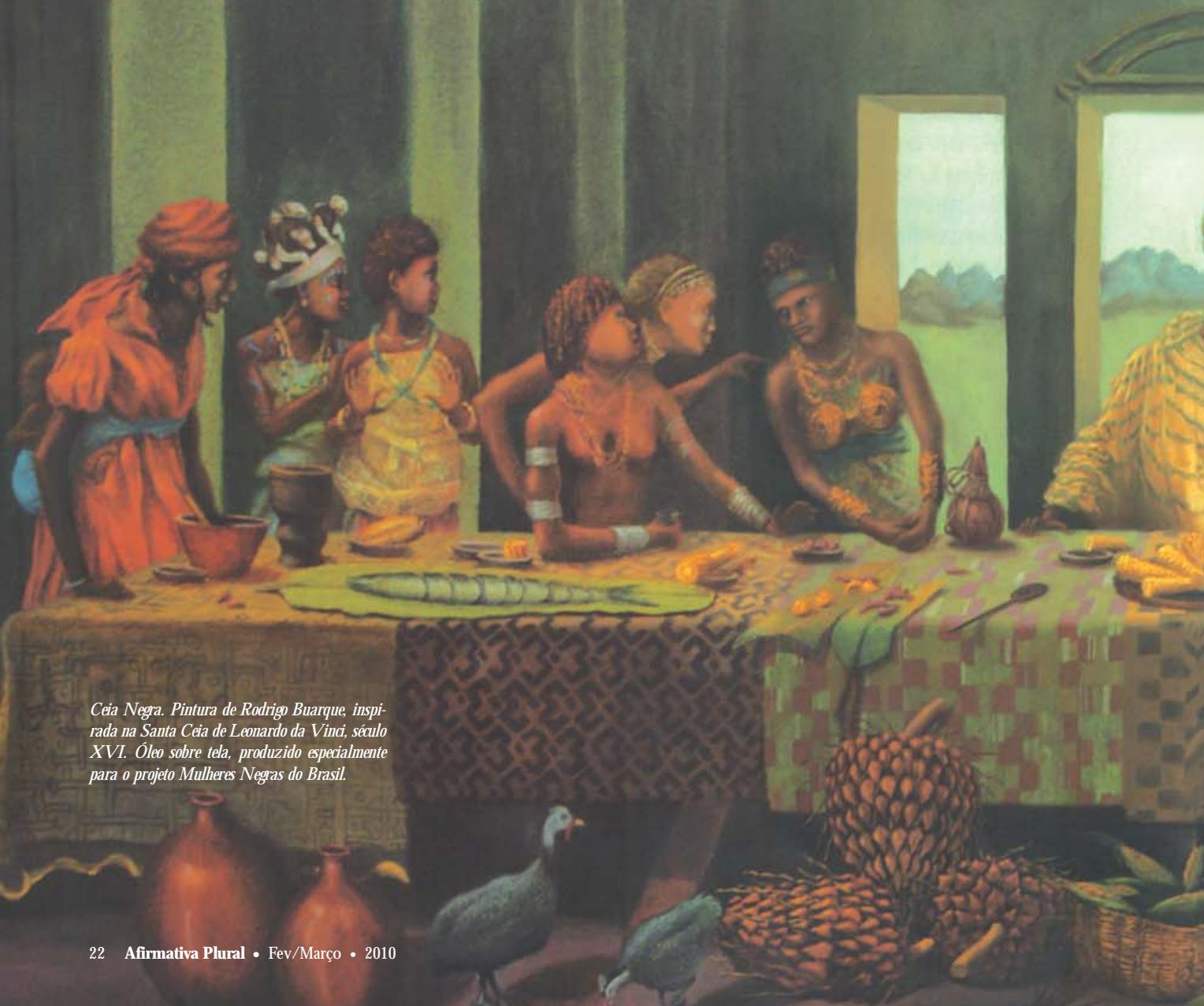
biente empresarial produziram uma mudança virtuosa. Estimulou o aprimoramento da cultura organizacional, motivou o grau de cooperação e solidariedade, alcançou a simpatia e a satisfação dos clientes e demais públicos de relacionamento e, mesmo agregou valor ao serviço e ao produto”, defendeu Vicente.

“É o papel do Estado no Regime Republicano e no Estado democrático de Direito manter a ordem, assegurar a paz social e promover o alcance da felicidade dos cidadãos. Onde houver desigualdade estrutural é obrigação e dever moral, ético e constitucional do Estado de agir de modo próprio, ainda que de forma extraordinária e excepcional para equalização das oportunidades. Só isso torna o estado legítimo. E, o caso

dos negros brasileiros, Excelência, é um caso evidente, profundo e angular de desigualdade estrutural”. É declarada extinta a escravidão no Brasil. Revogam-se as disposições em contrário. “Esse foi o nosso único legado”, afirmou o reitor da Zumbi.

Em 5 de março, o ministro Ricardo Lewandowski previu que o tema poderá ser votado pelo Plenário do STF ainda neste ano, no julgamento da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 186 e no Recurso Extraordinário (RE) 597.285/RS, dos quais é relator. De acordo com Lewandowski, o material do fórum vai subsidiar os ministros a tomarem uma decisão a mais justa possível em relação às duas ações que estão em julgamento nesta Casa. ■

Mulheres



Ceia Negra. Pintura de Rodrigo Buarque, inspirada na Santa Ceia de Leonardo da Vinci, século XVI. Óleo sobre tela, produzido especialmente para o projeto *Mulheres Negras do Brasil*.



negras & negras

Por Eliane Almeida, da redação

Mulheres Negras são mulheres e negras. Duas categorias que se unem num único grito: o de LIBERDADE. Até os dias atuais, as mulheres negras sofrem com a discriminação por pertencerem a estas duas categorias. A violência sexual dentro do próprio lar, o assédio moral nas relações, a escravidão da estética européia e receber o menor salário da pirâmide social são fatores que atingem a auto-estima das mulheres negras da atualidade.

Na busca por uma nova identidade, a mulher negra se descobre linda e inteligente. Em seu "pichaim" o charme de ter um "black". Nos tons de terra das maquiagens, a valorização dos traços dos ancestrais africanos. No corpo voluptuoso e cheio de curvas, o charme de ser extremamente inteligente.

Elas buscam seu pão de cada dia todos os dias matando mil leões. Elas crescem e aparecem. Elas são belas, são talentosas, são fortes, são guerreiras. São Mulheres. São Negras. São Brasileiras.

Diversos estudos mostram que entre o século XVI e meados do século XIX, foram traficados para o Brasil algo em torno de 4 milhões de pessoas escravizadas, entre congos, angolas, benguelas, caçanjes, minas e muitos outros negros de diversos grupos étnicos africanos. Da área costeira, os mercadores de humanos, também conhecidos como tangomanos, partiam para ataques e expedições a lugares remotos onde capturavam homens e mulheres livres.

A escravidão na África já acontecia muito antes de os europeus invadirem o continente, principalmente nos territórios islâmicos. Mas a dinâmica da escravidão naquele tempo era outra. Muito diferente da que foi institucionalizada nas Américas tempos depois. Segundo Antônio de Oliveira Mendes, um veterano viajante entre o Brasil e a África, as pessoas eram escravizadas por várias razões: condenações por juízes locais, sob acusações de adultério ou roubo; substituição de mulheres, filhos e filhas ou outros parentes do sexo masculino condenados ao cativeiro; e ou eram sim-

plesmente tomadas como prisioneiros de guerra.

Com a chegada dos mercadores as guerras étnicas se tornaram mais frequentes e muitas sociedades se desestruraram. A massa negra africana que saía de toda a costa do continente era constituída de homens e mulheres que foram transportados para território brasileiro não faziam parte de um grupo homogêneo. Cada qual tinha sua própria história. Trouxeram consigo suas referências familiares, étnicas, religiosas e culturais, que juntas forjaram uma nova cultura no novo continente.

As mulheres, entre os grupos escravizados, formavam um grupo de cerca de 20% menos que o dos homens. De acordo com a obra "Mulheres Negras no Brasil" (2007), pelas correspondências comerciais trocadas entre escravocratas e negociantes, é possível deduzir o tipo de cativo mais desejado: os "moleques", sem ou pouca barba. Quando não era possível "comprá-los", optam por "molecas" de "peito atacado" ou "peito em pé". Conta o documento que em 1732,

"uma negra mina de peito em pé" foi avaliada, no Brasil, em cem mil-réis, por ser jovem e ter uma aparência saudável. As jovens africanas, por conta da triste viagem e das torturas dentro dos porões dos navios, chegavam à terra firme, quando vivas, muito franzinas e apáticas. De acordo com um cronista do século XIX elas eram criaturas "magras, como sombras cambaleantes, tinham feições contraídas, os grandes olhos pareciam querer saltar das órbitas a qualquer momento, e, pior que tudo, as barrigas enrugadas, formando um perfeito buraco, como se elas tivessem se desenvolvido no sentido das coisas".

Nas últimas décadas do século XVI, as mulheres africanas começaram a chegar ao chamado Novo Mundo. Elas foram cruelmente exploradas. Obrigatoriamente tiveram que servir a exaustão como mão e corpo de obra. Desde os primeiros momentos resistiram, lutaram e geraram soluções. Reinventaram um Mundo Novo. Agregaram fé, saberes e sabores às maneiras de ser de toda gente, que de geração em gera-

ção continua a chegar para ajudar na recriação de novos rumos.

Dívida Histórica: Escravização de Corpo e Alma

No período da colonização, as africanas desempenharam diversos papéis na sociedade. Atuavam das tarefas domésticas às lidas diárias nos campos. Em todas as etapas da ma-

... Plena e completa
faculdade ao rei Afonso
de invadir, buscar,
capturar, conquistar e
subjugar todos os
Sarracenos e qualquer
pagão e outros inimigos
de Cristo, ainda que
estes vivam juntos aos
seus reinos, ducados,
principados, senhorios,
possessões e qualquer
bem móvel ou imóvel,
que seja de sua
propriedade e de
lançar-lhes em
escravidão perpétua e
de ocuparem,
apropriando e voltando
ao uso e proveito
próprio e dos seus
sucessores tais reinos,
ducados, condados,
principados, senhorios,
possessões e bens ...

Trecho da Bula Papal de Nicolau V, 1454

nufatura dos produtos canavieiros, elas também trabalhavam. Nas casas grandes cozinhavam, lavavam, cerziam e arrumavam. Trabalhavam de sol a sol, sob o olhar rígido do feitor e da Sinhá. Como pagamento recebiam uma refeição diária formada basicamente por feijão, milho e farinha de mandioca. Carnes, quando servidas, eram geralmente sobras ou de qualidade duvidosa. Foi no cozimento destas carnes duvidosas com o feijão que nasceu o prato que é a cara do Brasil: a feijoada.

Elas transformaram-se em mães de seus algozes dando seu leite e deixando seus filhos famintos. A ama de leite foi a “profissão” que mais maltratou a mulher negra. Privada

de seu direito de alimentar seu rebento, todo o seu leite alimentava o filho de seu dono. A presença forte das amas de leite na criação dos bebês brancos foi sentida, depois de algum tempo, como elemento que desvirtuava as crianças. As músicas de ninar cantadas em suas línguas nativas traziam à tona mitos e personagens africanos, tidos como oriundos de uma credice bárbara.

As negras do Tabuleiro

Quitandeiras, vendeiras ou ganhadeiras. Era assim que as negras do tabuleiro eram chamadas. As mulheres negras no Brasil buscavam novas formas de sustento e se tornaram as primeiras empreendedoras de



Mãe Aninha

que se tem notícia. Personagens anônimas, demasiadamente retratadas no período do Império. Presentes nas obras de arte dos primeiros quatro séculos de Brasil, essas mulheres de origem africana remontaram na diáspora o universo de cores, mistérios, sons, aromas e sabores que guardavam em sua memória. Eram elas, as negras com seus tabuleiros, que ocupavam maciçamente os mercados, os caminhos, as ruas e praças das vilas e cidades brasileiras.

As vendeiras formavam um grupo bastante heterogêneo que no dia a dia circulava e se apropriava dos espaços urbanos, sempre criando rimas, cantando, equilibrando seus tabuleiros com maestria. As mulheres negras libertas eram as presenças mais numerosas no vai e vem deste comércio. Transtavam e comercializavam seus quitutes à vontade, sem interferência em seus negócios e o resultado de seu trabalho era unicamente seu.

Negras escravizadas também atuavam nesta área sendo muitas vezes a única fonte de renda de seus proprietários. A presença das quitandeiros na história do Brasil está presente de norte a sul do país. Em todos os municípios tem feiras que ainda guardam características profundas da africanidade desta atividade.

Quilombolas desde a chegada

Quando se diz que a mulher é sexo frágil, com certeza não havia se pensado num universo feminino quilombola. Guerreiras desde a che-

Foto: The London Stereoscopic and Photographic Company



gada em território brasileiro, a resistência nunca fez parte do universo dessas mulheres.

No Brasil, no período colonial e pós-colonial, as comunidades quilombolas chegaram a reunir milhares de habitantes. Sempre ligados à resistência à escravidão, esses povoados negros tinham sua dinâmica e política própria. Em sua imensa maioria, os quilombos eram fortalezas de guerra e tinham uma economia agrícola. Muitas das quitandeiros eram informantes quilombolas.

O fato de produzirem gêneros alimentícios facilitava a circulação de informações que os mantinham seguros por um longo tempo. A proximidade com os grandes centros onde comercializavam seus produtos criou

parcerias e as comunidades acabavam contando com proteção de taberneiros, pequenos lavradores e principalmente dos homens e mulheres que ainda viviam nas senzalas.

De acordo com pesquisas sobre os quilombos inaugurais, pode-se supor que nas inúmeras comunidades quilombolas a participação das mulheres foi determinante e fundamental, tanto na manutenção prática, com o abastecimento de provisões, confecção de roupas e utensílios, quanto na preservação de valores culturais e religiosos. Em alguns mocambos elas representavam o elo com as divindades e fortaleciam o espírito combativo de seus habitantes. Através de seus rituais enraizavam o sentimento de proteção dos quilombolas em suas caçadas e enfretamentos de captura.

E Viva a Liberdade!

Desde que chegaram em terras brasileiras, as africanas e depois suas descendentes, as crioulas (negras nascidas no Brasil), buscaram diversas maneiras de superar as dificuldades impostas pelo sistema escravista. Participaram de rebeliões e formação de quilombos, organizavam-se para realizar fugas em massa e para obterem dinheiro a fim de comprar alforrias. Foram as mulheres que, com sua perspicácia, perceberam as brechas na lei para alcançarem seu intento: a Liberdade.

O final do século XVIII foi marcado pelos ideais de democracia que se estabelecia no continente europeu por conta da Revolução Francesa – igualdade, liberdade e fraternidade.

Este ideal tomou conta das cabeças pensantes no Brasil e acendeu o estopim da discussão pelo final da escravidão. Ao mesmo tempo, as elites escravocratas foram forçadas a aumentar a mão-de-obra africana nas plantações para atender ao mercado.

Neste clima contraditório, as rebeliões escravas eram uma constante. Os levantes e as batalhas sangrentas foram a mola propulsora para o fortalecimento do argumento de liberdade. O medo era o grande aliado dos negros escravizados. As mulheres tiveram papel fundamental na organização destes levantes e rebeliões. Em 1814, na cidade de Salvador, Bahia, uma cativa chamada Francisca participava ativamente de um levante com seu companheiro Francisco Cidade, também escravizado, líder do movimento. O casal coletava dinheiro para o motim e incentivava a população à revolta, distribuindo pequenas tiras de papel onde se denominavam rei e rainha da rebelião. Descobertos pelas autoridades, ele foi deportado para a África e dela nunca mais se teve notícia.

A alforria era a garantia de se poder voar em tempos onde se manter vivo já era uma grande vitória. Sabe-doras das brechas de lei e empreendedoras de natureza, as mulheres negras, com seu trabalho juntavam o dinheiro suficiente para comprar além de sua alforria, a de seus filhos, companheiros e afilhados.

Na busca pela cidadania, a Abolição da escravatura foi um grande marco na história do Brasil. Mas, na história dos negros no Brasil, foi a organização da mulher negra, quilombola, quituteira, que garantiu e garante o sustento de sua família.

O que não é muito diferente dos dias atuais. Foram mulheres escravizadas que inventaram, recriaram e experimentaram em seus afazeres cotidianos, nas ruas, nas matas, nas senzalas, casas-grande e tribunais, diferentes maneiras de sentir e imprimir outros significados à palavra Liberdade.

Hoje e Sempre: A luta por ser Mulher e Negra

A Constituição brasileira de 1824 não dava aos negros escravizados condição de sujeitos de direito. O direito ao voto era dado somente aos maiores de 21 anos com diploma universitário e eram excluídos do processo homens livres pobres, mendigos, analfabetos, soldados e religiosos. A exclusão das mulheres e dos negros não fica explícita, pois não é nem citada, mas a regra fica claramente entendida porque o requisito riqueza não fazia parte do universo do negro e política não era assunto para mulheres.

O movimento feminino nasce neste contexto como imprensa feminista ainda no período do Império. Em 1910, a professora baiana Leonilda Daltro, junto com outras mulheres, funda o Partido Republicano Feminino, no Rio de Janeiro. Foi uma verdadeira afronta à política machista que acendeu o debate sobre o direito de voto para as mulheres no Congresso e na sociedade.

Em 1932, no governo de Getúlio Vargas, as mulheres finalmente conquistaram o direito ao voto. As primeiras eleições em que puderam votar foi em 1933, para a Assembléia Nacional Constituinte. Inicia-se então uma análise pelo perfil das mu-



Anastácia

lheres brasileiras e percebe-se que a garantia de cidadania dada a elas, fazia com que o colégio eleitoral se tornasse mais promissor.

Hoje, estamos na política, na música, na arte, na dança, no cinema, nos meios de comunicação, nas grandes corporações, nos altos postos. Somos e estamos cada vez mais mulheres. Somos mães de Daianes, esposas como Michelle, lindas como Taís e Camila, fortes como Benedita, talentosas como Elza, de riquezas sem fim.

Somos a força que rege esta terra. Somos a flor que desabrocha na madrugada exalando o perfume que inebria a noite. Somos a luz da manhã e a mão que se estende na escuridão. Somos o colo que abriga, a mão que afaga, o som que embala o sono, o seio que alimenta. Somos negras como a noite, belas como a pérola e ricas de amor.

Somos Mulheres, Somos Negras,
Somos Mulheres Negras!!! ■

Texto baseado na Obra "Mulheres Negras do Brasil", de Schuma Schumaher e Érico Vital, Senac Editoras, 2007.



Rosa Parks sendo presa e multada.

a
mãe

Da Redação

dos
direitos
civis

|| Estava cansada era de ter que ceder sempre.

|| Rosa Parks



Foto: Divulgação

Uma costureira negra que superou não só os próprios medos, mas deu início a luta antissegregacionista em 1955. Rosa Parks, tornou-se símbolo do Movimento dos Direitos Civis dos negros nos Estados Unidos quando em 1º de dezembro se recusou a ceder o seu lugar no ônibus a um homem branco, em Montgomery, no Alabama, Estados Unidos.

Rosa Parks, desafiando as regras que exigiam que pessoas negras se sujeitassem a abrir mão de seus lugares no transporte público para brancos, foi presa e multada em US\$ 14. Em apoio a atitude da costureira, Martin Luther King Jr. liderou um boicote de 381 dias ao sistema de ônibus.

O protesto levou ao fim da segregação nos transportes públicos e culminou em 1964, com a Lei dos Direitos Civis, nos Estados Unidos.

“Ela era muito humilde, falava baixinho. Mas por dentro ela tinha uma determinação que era feroz”, disse o político John Conyers.

Em viagem à África do Sul, o reverendo Jesse Jackson, um dos principais defensores dos direitos civis nos Estados Unidos, enalteceu Rosa, lembrando que seu ato aparentemente simples forçou os negros americanos a “se levantarem” pelos seus direitos. “Ela forçou o resto de nós a nos levantarmos. Foi um esforço consciente de uma lutadora pela liberdade”, disse Jackson, durante entrevista coletiva em Johannesburgo.

Ele se referiu a Rosa como uma “mulher

de grande coragem, que conscientemente arriscou sua vida e enfrentou a prisão para romper com o sistema do *apartheid*”.

Em sua autobiografia, Parks disse que “algumas pessoas disseram que não levantei porque estava cansada. Isso não é verdade. Era uma mulher jovem e não estava mais cansada do que ao término de qualquer outro dia de trabalho”. “Estava cansada era de ter que ceder sempre”, acrescentou.

“Quando fui detida, eu não tinha idéia que isso ia dar início a todo um movimento”.

Após seu ato de desobediência pacífica, a costureira teve dificuldades para encontrar trabalho no Alabama, e em meio a ameaças e ofensas, mudou-se com seu marido Raymond para Detroit, em 1957, onde trabalhou como assistente no escritório de um congressista democrata.

“Rosa Parks era verdadeiramente a mãe do movimento moderno pelos direitos civis”, disse Julian Bond, dirigente da maior organização de defesa dos direitos dos negros, a NAACP, da qual ela era membro desde que aquele dia em que desobedeceu a lei de *apartheid* americana.

Em 1996 foi premiada com a “Medalha Presidencial pela Liberdade”. Em 1999 o Congresso americano outorgou a ela a Medalha de Ouro, a mais alta honraria civil.

Morreu aos 92 anos dormindo em sua casa, na cidade de Detroit, estado do Michigan. ■





Winnie Mandela

Foto: AFP PHOTO / ALEXANDER JOE

mãe da nação

A ex-esposa de Nelson Mandela é a representação da lealdade feminina, isto porque conforme artigo de Contardo Calligaris, no jornal Folha de São Paulo, “basta olhar as filas das visitas nos presídios para saber que lealdade não é qualidade masculina” no que se refere à presidiários.

Segundo o articulista, os homens quando estão em reclusão recebem muito mais visitas do que as mulheres. Winnie de fato assumiu este papel, ao acompanhar lealmente os 27 anos de prisão de Mandela. Ela chegou a ser presa por apoiar a luta contra o *apartheid*.

Uma mulher de personalidade forte e beleza marcante, Winnie nunca hesitou em violar as regras na busca de seus ideais. Desde a sua juventude ela participou das lutas pela cidadania plena e pelos direitos humanos de todos os sul africanos, sem distinção de cor. Desafiou as leis, ao entrar pelas portas permitidas somente aos brancos e ao permanecer em filas proibidas aos “não brancos”.

Foi a primeira pessoa de cor negra a graduar-se como assistente social na África do Sul. Trabalhando num hospital, começou a atuar politicamente junto com a juventude do Congresso Nacional Africano e

foi detida como presa política pela primeira vez em 1958. Posteriormente foram várias passagens pela prisão. Numa delas conheceu o ex-marido, que na época advogava em favor da abolição do *apartheid*. Juntos, Winnie e Mandela, tiveram uma vida de muita luta e dificuldades. Ele, na prisão. Ela, com a missão de criar as duas filhas pequenas e buscar a liberdade do marido.

Desde 1958, Winnie foi constantemente banida e chegou a ficar presa numa solitária por muitos meses, numa tentativa das autoridades de enfraquecer sua determinação. Em 1975, tornou-se parte da Liga das Mulheres do CNA (Congresso Nacional Africano), que teve papel importante nas lutas contra as leis do *apartheid*. Por ter-se envolvido no levante de Soweto em 1976, ficou presa durante meio ano e foi banida de Soweto para Brandfort, a 350kms de Joanesburgo, onde viveu por 9 anos.

A ex-mulher de Nelson Mandela foi acusada de inúmeros crimes desde uma fraude envolvendo empréstimos bancários, até a condenação pelo rapto do jovem ativista do Congresso Nacional Africano, Stompie Moeketsi, que posteriormente veio a ser assassinado pelos guarda-costas

de Winnie. Por esta acusação ela foi sentenciada a uma pena de cadeia de seis anos por rapto, que veio a ser reduzida para uma fiança. Ao todo foram 43 crimes de fraude e furto.

Apesar de tantas acusações, na ocasião da libertação de Winnie da prisão pelo envolvimento na fraude bancária, diversos estudantes que estavam na frente do parlamento comemoraram com entusiasmo a libertação da líder política. Talvez seja este o reconhecimento por sua tenacidade e lealdade à causa do seu povo. Ela inclusive ganhou o título de “Mãe da Nação”.

Em 1992, quando Mandela anunciou a separação do casal, ele reafirmou numa conferência à imprensa o seu amor pela ex-mulher, que segundo ele foi um “pilar” nos seus anos de prisão.

Mesmo após a separação de Mandela, Winnie continua sendo uma voz forte na política sul-africana, tendo sido reeleita diversas vezes para presidente da Liga das Mulheres do Congresso Nacional Africano.

Para este ano está prevista a produção do longa *Winnie*, que começa ser gravado em 30 de maio, em Johanesburgo, na África do Sul, além de Cidade do Cabo, Transkei e Ilha Island. ■

21 de março, um dia de reflexão

Por Rejane Romano, da redação

O dia 21 de março foi escolhido pela Organização das Nações Unidas (ONU) para as comemorações do Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial por causa do Massacre de Shaperville, em Joanesburgo, na África do Sul, em 1960. Autoridades abriram fogo contra o grupo que se manifestava pacificamente. Os manifestantes protestavam contra a “lei do passe”, que transformava os negros em estrangeiros dentro de seu próprio país. Todo negro tinha que obrigatoriamente portar um “passe”.

O Massacre de Shaperville resultou na morte de 69 pessoas e feriu outras 186. Mas, o que dizer do genocídio urbano que ocorre todos os dias nas cidades brasileiras? O que dizer da discriminação presente no dia a dia de muitos negros?

Diariamente milhares de jovens negros são mortos, principalmente nas favelas em todo Brasil. É impossível efetuar uma estimativa correta, pois além da intervenção policial, os membros das facções criminosas também possuem a sua própria conduta de extermínio.

Os membros da raça negra, ainda hoje, têm maior probabilidade de serem pobres e de terem menos acesso a serviços adequados de saúde, educação, oportunidades de emprego, moradia, entre outros. Sendo em muitos casos submetidos a uma vida de marginalização e de humilhação.

A ação das polícias civil e militar se explica através da história. A polícia foi criada no Brasil em 1809 quando a família real portuguesa que estava no país ficou assustada com os escravos urbanos que circulavam pelo centro do Rio de Janeiro. Os comerciantes e as pessoas mais interessadas na defesa da propriedade privada e do patrimônio financiaram a iniciativa. Nesse contexto, a polícia surgiu para manter a ordem e afastar o perigo urbano e social das elites.

O que acaba sendo prejudicial para os indivíduos da raça negra é que muitas vezes a cor negra, por si só, acaba sendo aliada automaticamente a ações ilícitas. Quantos e quantos negros são abordados simplesmente por serem considerados suspeitos.

Em São Paulo, o dentista negro, Flávio Ferreira Sant’Ana, foi morto



Foto: Roy Lewis - meados de 1966

no dia 03 de fevereiro de 2004 devido a erro policial. A primeira versão dos policiais militares foi de resistência seguida de morte. Segundo eles, a vítima de roubo, o comerciante Antonio dos Anjos, teria reconhecido o dentista como o ladrão que teria levado seu dinheiro. Chegaram a dizer que o dentista portava uma pistola e foi morto após reagir a tiros. A versão foi desmentida pelo comerciante dias depois. Ao assumir a versão falsa, os policiais alegaram que mata-



Martin Luther King Jr. (ao centro) liderando a marcha da Southern Christian Leadership Conference

ram o dentista porque o mesmo teria feito um movimento brusco durante a abordagem. A família rebateu denunciando que os policiais mataram Flávio pelo fato dele ser negro.

No julgamento ocorrido em 2005, os policiais militares mais diretamente envolvidos no crime foram condenados a penas de 7 anos e meio a 17 anos e meio de prisão por homicídio duplamente qualificado, fraude processual e porte ilegal de armas. A acusação de racismo não foi leva-

da adiante. Muitas das maiores atrocidades do homem tiveram uma motivação racial. Lutar contra práticas discriminatórias, habituais na nossa sociedade é um dever de todos. A educação pode favorecer a tomada de consciência e cultivar a tolerância. Este processo deve começar em casa, continuar na escola e se expandir principalmente pelos órgãos públicos. Há cidades que estão produzindo cartilhas de orientação quanto ao atendimento e a abordagem aos afrodescendentes.

O Dia Internacional para a Eliminação da Discriminação Racial é um dia de reflexão. E acima de tudo de assumir novas posturas. Denunciar a partir de então os atos discriminatórios na vida quotidiana.

Devemos de fato fazer valer a Declaração Universal dos Direitos Humanos, no sentido de “reafirmar a fé nos direitos humanos fundamentais, na dignidade e no valor da pessoa humana, e na igualdade de direitos do homem e da mulher”. ■

Suingada, romântica, eclética, mangueirense e herdeira de uma força que a mantém acesa levando a música a todos os cantos do Brasil. Estes são alguns dos adjetivos que marcam o perfil e trajetória artística da cantora Alcione: a Marrom.

Além de “Não deixe o samba morrer”, de Edson e Aluísio foram consagradas na voz de Alcione canções como: Sufoco, Gostoso veneno, Rio Antigo, Nem morta, Garoto Maroto, A profecia, Delírios de amor,

Uma nova paixão, Depois do prazer, Meu vício é você, Meu ébano e muitas outras.

A participação de grandes compositores brasileiros em seu trabalho é uma constante. E são incontáveis os sucessos dessa maranhense que já foram trilha sonora de novelas. O mais novo CD Acesa ganhou destaque em “Caminho das Índias”, da TV Globo, com a faixa “Eu vou pra Lapa” (Serginho Meriti/Claudinho Guimaraes). Samba que enumera as ruas,

personagens, botecos do bairro carioca, auge nos anos 30 / 40 e, que nesta década, vê seu ressurgimento.

Alcione fala sobre samba, carreira e negritude e adverte que quando o assunto é política, os negros precisam aprender a votar nos negros.

Afirmativa: *Fale um pouco sobre consciência negra. Você que está sempre à frente dos projetos, não só para resgatar a identidade, mas também para valorizar, porque você é madrinha de muitos cantores*

a marrom

Por Mônica Santos, da redação

Alcione

e grupos de pagode. De que forma você acha que o negro deve trabalhar a consciência?

Alcione: Eu acho que a consciência nossa, a consciência negra, deve começar em casa. Começar com sua família, com os filhos, sobrinhos, irmãos. Dar educação para nossa família. A galera tem que estudar, tem que aprender a dar valor às coisas. Aprender a ter certos valores na vida. Porque não criamos essas pessoas pra gente, é para o mundo. E essas pessoas não podem sair depois matando mendigo na rua, batendo na cara da mulher, porque acha que ela era prostituta. Tem que ter uma educação, ensinar o exercício da compaixão, o respeito ao ser humano. Eu acho que a estrutura dessa consciência deve começar dentro de casa.

Afirmativa: *É isso que está faltando?*

Alcione: Isso é o que está faltando. Dentro de casa você não pode brincar com certas coisas. É como, por exemplo, meu pai fazia com a gente e eu faço com meus sobrinhos. Deixava um prato cheio de comida e jogava lá no forno. Ah, vem cá! Você sabe quantas pessoas não tem comida hoje? Está fazendo charme com a comida! Você vai comer o que colocou no prato.

Afirmativa: *É evitar o desperdício e fazer pequenas coisas que começam em casa?*

Alcione: Certo. É procurar corrigir muitas coisas para a pessoa formar uma personalidade. Crescer com dignidade, respeito e sendo respeitado.

Afirmativa: *E sobre política, como você vê a presença do negro hoje, na política?*

Alcione: Hoje nós já temos a presença do negro na política do Brasil. Mas precisamos mais. Acho que Barack Obama foi um grande exem-

pló para o mundo. Eu fiquei muito feliz com isso. Ficarei mais feliz quando a mulher negra e o homem negro deste país estiverem muito mais dentro da nossa política. Fazendo bonito como os outros que estão por aí. Eu acho que já tem esse espaço. Se não tiver, nós vamos abrir esse espaço. Nós vamos ter que aprender a votar nos negros.

Afirmativa: *É resgatar a auto-estima que foi perdida com a história da vinda do negro para o Brasil? A questão da escravidão?*

Alcione: É uma história muito triste, que não terminou bem, porque deram alforria para o negro, mas você fica aí e trabalha em troca do almoço, do jantar (quando tinha). E eles se sentiam recompensados por isso. Queremos muito mais do que isso.

Afirmativa: *Você comentou sobre a importância da família, sobre a influência de seu pai. Como era essa questão da negritude no lar?*

Alcione: Eu sou bisneta de escravos. Meu pai já era neto de escravos. Meu pai aprendeu a tocar trompete, ele era músico. Ele viajava 24 quilômetros a pé. Um dia, ele foi pedir ao patrão dele se podia emprestar um dinheiro para comprar um trompete de segunda mão. Ele deu um machado na mão de meu pai e disse: “Toma seu trompete, vai capinar”. Esse machado foi muito importante na vida de meu pai e na nossa vida.

Afirmativa: *O fez reagir?*

Alcione: Meu pai reagiu a isso. Ele comprou o trompete dele. Meu pai viveu como mestre da banda de música da Polícia Militar do Rio de Janeiro. Ensinou música na Escola Técnica Federal do Maranhão, sem ter diploma de segundo grau, porque era quem mais sabia de música no Maranhão. Isso era nato. Ele era um autodidata. Ele sempre foi muito guerreiro e ensinou isso pra gente.

Afirmativa: *Daí a força da Alcione?*

Alcione: Graças a Deus. Ele tem a força, eu herdei essa força. ■

|| Eu acho que a consciência nossa, a consciência negra, deve começar em casa. Começar com sua família, com os filhos, sobrinhos, irmãos. Dar educação para nossa família. A galera tem que estudar, tem que aprender a dar valor às coisas.

||

Afirmativa: *E porque você acha que o negro não vota no negro?*

Alcione: Tem uma certa cultura. Uma cultura embranquecida que ainda existe no país. Mas estas coisas com o tempo, com a valorização da nossa raça, com a valorização que vem de dentro da família, estas coisas vão mudar. E todos nós vamos dando importância a nós mesmos, como tem que ser. Nós podemos! Nós precisamos ter a excelência das coisas.

h & istórias lutas

Por Benedita da Silva*

Quando falamos em mulher negra no Brasil é importante traçarmos seu perfil para que possamos demarcar diferenças com as visões esterotipadas.

Nós mulheres negras brasileiras somos 25% da população. A maioria de nós é analfabeta ou semi-analfabeta. Nossa remuneração está no patamar de um salário mínimo. Muitas de nós chefiam a família em maior número que as mulheres brancas. Tal perfil demonstra que a maioria das mulheres negras vive em condição de extrema pobreza.

|| Nós, mulheres negras brasileiras, somos 25% da população. ||

O Brasil é o país de maior população negra fora da África, historicamente um país escravocrata onde ainda perduram idéias racistas na sociedade em geral. Mesmo quando a pessoa negra ainda não adquiriu a consciência do racismo, ser negra em

nosso país significa ainda viver em condição de extrema desigualdade social e racial.

Considerando que a mulher no Brasil, até a Constituição de 1988, era legalmente considerada cidadã de segunda categoria, ser mulher negra e pobre significava não ter direitos mínimos de cidadania assegurados juridicamente.

É no contexto descrito que precisamos situar a denominada “questão da mulher negra”.

Nós mulheres, se queremos uma sociedade de fato democrática, igua-



Benedita da Silva

litária, unindo gêneros, etnias e religiões num projeto de nação que conte tempo a diversidade engendrada no processo histórico brasileiro - mas, que foi negada ao longo da história - temos que lutar para que essa realidade seja confirmada.

As mulheres são como o anjo da história que caminha para frente, mas têm o olhar voltado para traz, para resgatar a força que emana de suas lutas e, que estão vinculadas às reivindicações femininas por melhores condições de trabalho, por uma vida digna e sociedade mais justa e igualitária.

Essa luta das mulheres é antiga e contou com a força de inúmeras que nos vários momentos da história da humanidade resistiram ao machismo, à discriminação e a injustiça social.

É importante situar que a gênese do que se convencionou chamar de incorporação da perspectiva de gênero, ainda está sendo elaborada. Sob essa noção podemos compreender algo que corresponde aproximadamente a adoção de uma categoria, a de gênero, cujo uso deve estar orientado para reexame da realidade social brasileira. Em geral nas práticas atuais ao tratar da perspectiva de gênero, alude-se a uma análise na qual estão em foco as condições de vida das mulheres e sua posição nas relações sociais e nos espaços de poder em contextos específicos.

Nesse texto repasso minha percepção de alguns processos relativos à constituição do problema de gênero e étnico-racial e sua estreita relação com democracia e o tema do desenvolvimento no Brasil.

A questão das desigualdades en-

tre homens e mulheres veio ao cenário público há cerca de 200 anos, em meio às revoluções burguesas do século XVIII, entre elas a Revolução Francesa (1789). Nasce, portanto, no campo da luta social pela igualdade, num contexto histórico-cultural muito significativo para o projeto democrático burguês ocidental, que ali se

rar as enormes desigualdades de renda entre mulheres e as divisões sociais produzidas pelo racismo que impregnam as práticas cotidianas na nossa cultura. A cultura e a economia podem atuar articuladamente na produção de injustiças; mas, também podem ser a saída para uma verdadeira democracia, se estiver atentas para as diferenças de realidades.

E por fim considero que o campo da luta democrática, na esfera pública, a questão da participação não pode estar ausente de uma perspectiva de igualdade de gênero. Temos um sistema onde a maioria das posições é ocupada por homens: isso não é nada menos do que patriarcado ainda em voga no Brasil.

Neste sentido já temos as ações nessa direção realizadas pela Secretaria Especial de Políticas para Mulheres em nível nacional e pela Secretaria na qual estamos à frente no Estado do Rio de Janeiro com o Programa Mulheres pela Paz e no Programa Mulheres na Construção Civil. Estes dois programas já vêm dando resultados positivos para as mulheres negras pobres e suas famílias.

Concluo exortando a luta e a vida das mulheres negras do Brasil...

|| É preciso fundamentalmente considerar as enormes desigualdades de renda entre mulheres e as divisões sociais produzidas pelo racismo que impregnam as práticas cotidianas na nossa cultura. ||

iniciava. O que destoava do conjunto é que o tema foi trazido à arena política pela ação das mulheres, Desenvolvimento e Democracia, sujeito coletivo até então ausente e que ali se tornara institucional pelo feminismo e por uma nova agenda de combate às desigualdades.

Temos que considerar as diferenças entre mulheres é verdade, mas é preciso fundamentalmente conside-

*"Minha luta começou como a de outras meninas negras;
Faceiras, ditosas, criativas,
construtoras amorosas,
Pele linda de menina machucando
corações;
Bem amada não duvide;
Foi sempre assim.
A prova dessa verdade;
É que estou aqui como outras
mulheres na luta" ... ■*

*secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos do Governo do Estado do Rio de Janeiro

Afirmativa é

um fórum onde personalidades de todos os matizes políticos, raciais, sociais e religiosos discutem a integração e o desenvolvimento do negro na sociedade. **SE VOCÊ CONCORDA, ASSINE EMBAIXO.**



Desejo fazer uma assinatura da revista Afirmativa.

Nome: _____

CPF: _____

Endereço: _____

Telefone: _____

E-mail: _____

Se preferir, ligue para 0xx11 3229-4590 ou acesse www.afrobras.org.br

Assinatura por 1 ano (6 edições) R\$ 49,00

Assinatura por 2 anos (12 edições) R\$ 86,00

Voto feminino e a mulher negra

Por Theodosina Rosário Ribeiro*

A importância de reverencermos “O Dia 08 de Março” é para memorizarmos as operárias sacrificadas em 1857 defendendo os seus direitos no trabalho, na cidade de Nova Iorque, (EUA). Entretanto, o reconhecimento à data 08 de março só aconteceu no ano de 1910, na Dinamarca e a ONU oficializou-a em 1975, através de um decreto.

Essa data alcançou tal magnitude numa influência marcante para aberturas de novos caminhos. Com a repercussão do movimento internacional no início do século, des-

pertou antigas reivindicações, como o voto feminino que começou a tomar forma no Brasil em 1910, principalmente com a exclusão da mulher ao lhe ser vedado o direito ao voto, excluindo-a da participação política do país.

O ciclo de mobilização feminina aberto nos anos 20 conquistou para as mulheres brasileiras em 1932 o direito de voto que elas vinham reivindicando há quase um século. Com o decreto sancionado em 1932, pelo presidente Getúlio Vargas, a mulher passou a exercer a sua cidadania. Aí-

da hoje, no século XXI, a ideia de cidadania está longe de ser consenso ou ter uma forma ideal e final. Seu apelo nas últimas décadas ganhou ares mais nobres, desejo social e da mais legítima aspiração de homens e mulheres desse país.

A Constituição de 1934, concedeu o sufrágio à mulher brasileira que tornou-se eleitora, pelo prisma histórico político.

Ao analisarmos um assunto tão complexo para a mulher brasileira, no contexto sócio-político no Brasil, é necessário ter uma visão generaliza-

da sobre o cerne da questão.

Após a vitória alcançada com o direito ao voto feminino e ao longo desses séculos, a mulher brasileira vem alcançando cada vez mais a sua emancipação, com condições econômicas e sociais que a levam a participar de maneira crescente, da forma de trabalho e a se beneficiar da expansão educacional, entretanto, não exerceram o mesmo efeito favorável no que se refere à política.

Daí a necessidade de se desvendar por que os papéis políticos continuam a ser privilégio quase absoluto dos homens.

Há que considerar a herança de uma cultura milenar, porque há pouco tempo que ela conseguiu o direito ao voto feminino. Resultante da relutância das mulheres em ingressar em partidos políticos, os quais, por lei terão que reservar 20% das vagas, para as candidatas e, bem como em outros canais de recrutamento e seleção de lideranças.

A assimilação das mulheres no interior das organizações partidárias é obviamente difícil.

É fácil evidenciar os limites da cidadania por parte das mulheres e de alguns grupos sociais menos privilegiados via partidos políticos.

A sub-representação das mulheres em campos políticos é grande, apesar do peso do eleitorado feminino (45% em 1982). No entanto, não só a representação feminina é inadequada com também é ainda pequeno o número de mulheres que se orienta para a disputa de cargos políticos.

À medida, que forem sendo desenvolvidas políticas públicas direcionadas ao estudo da história da política brasileira, pela sua importân-



Theodosina Rosário Ribeiro

cia, cujo objetivo maior é de reger os destinos do nosso país, com os avanços de maturidade de conscientização, a mulher negra, também, com o seu espírito de luta pela sua

inclusão social, pela igualdade racial, aumentará a sua participação no quadro eletivo do Brasil. ■

* advogada, primeira vereadora e deputada estadual negra do estado de São Paulo.

irmãs Williams, exemplos de sucesso

Da Redação

Quem poderia imaginar que o tênis, um esporte elitista, até então dominado apenas por jogadoras brancas, teria como grandes estrelas duas negras vindas de uma comunidade pobre?

Com muita garra e talento as irmãs Williams, Venus e Serena, são um exemplo clássico de união familiar em busca da concretização dos sonhos.

Elas são fortes, polêmicas, irreverentes com suas roupas coloridas e decotadas, bijuterias e cabelos enfeitados com miçangas. Mas, acima de tudo, são consideradas invencíveis nos torneios em duplas.

Quando as duas pisam em quadra o público pára para assistir um estilo de jogo ofensivo. Desde o começo da partida as irmãs tomam conta dos jogos. A caçula, Serena, possui um saque considerado por muitos como sendo um dos melhores no tênis feminino. Já Venus foi a primeira tenista negra a conquistar o *Grand Slam Wimbledon* em mais de 40 anos. Ela começou a jogar tênis aos quatro anos. Agora próxima de completar 30 anos, essa tenista já rezou o topo do WTA (*Women's Tennis Asso-*

ciation) com a irmã diversas vezes.

Atualmente, Serena Williams, que completa 29 anos em 2010, está incluída na restrita lista das jogadoras que têm em seu currículo, vencidos, *todos os Grand Slams* da turnê feminina e duas medalhas de ouro olímpicas de duplas nos Jogos Olímpicos de 2000 e 2008. Esta mulher de 1m73, também se aventura como atriz, fazendo participações em algumas séries de televisão como *Law & Order, ER e My Wife and Kids*.

A carreira das irmãs teve início graças aos esforços do pai e treinador, Richard Williams. Richard, que aprendeu a jogar tênis assistindo a vídeos e lendo manuais, inspirou-se em investir no potencial das filhas após assistir um programa de TV no qual uma tenista recebeu um cheque de 30 mil dólares pela vitória conquistada em quatro dias de torneio.

Muitos treinos foram feitos em família, até mesmo a mãe das meninas, Oracene Price, ajudava as filhas nas quadras públicas em Compton. Finalmente, quando Venus completou 10 anos, a família toda se mudou para a Flórida, para que as caçulas de

cinco filhas pudessem treinar com o badalado técnico Rick Macci. Além das aulas de tênis, as irmãs faziam tae-kwon-do, boxe, balé e ginástica. Um programa de condicionamento físico completo que resultou nos músculos que dão às meninas bíceps e coxas bem trabalhados, capazes de aguentar horas de treinos diários. Elas chegaram a sair da escola e a ter aulas em casa para se dedicarem melhor aos treinos.

Tanto esforço resultou num fenômeno que até então não foi repetido. Após a trajetória de Venus e Serena, autoridades do esporte previam que jovens jogadores afro-americanos de lugares como Compton, Califórnia e Harlem estariam jogando no tênis mundial. Como isso não aconteceu, a Associação Americana de Tênis entendeu que é necessário um investimento mais profundo nas comunidades, procurando atletas potenciais.

Desde que as irmãs despontaram para o tênis, elas deixam como lição que por maiores que sejam as batalhas e dificuldades a serem enfrentadas, os resultados podem ser compensadores social e financeiramente. ■



Venus e Serena Williams

O trabalho "também"



Luciene de Jesus Batista, 39 anos, pedreira - Projeto Mão na Massa.

dignifica às mulheres

Da Redação

As lutas travadas pelas mulheres no decorrer da história para serem reconhecidas como atuantes na sociedade se refletem em vários aspectos. Desde a busca pelo direito ao voto, ao uso da pílula anticoncepcional, até a fazer parte do mercado de trabalho. O Dia Internacional da Mulher, inclusive, foi marcado pelo trágico episódio da morte de operárias norte-ame-

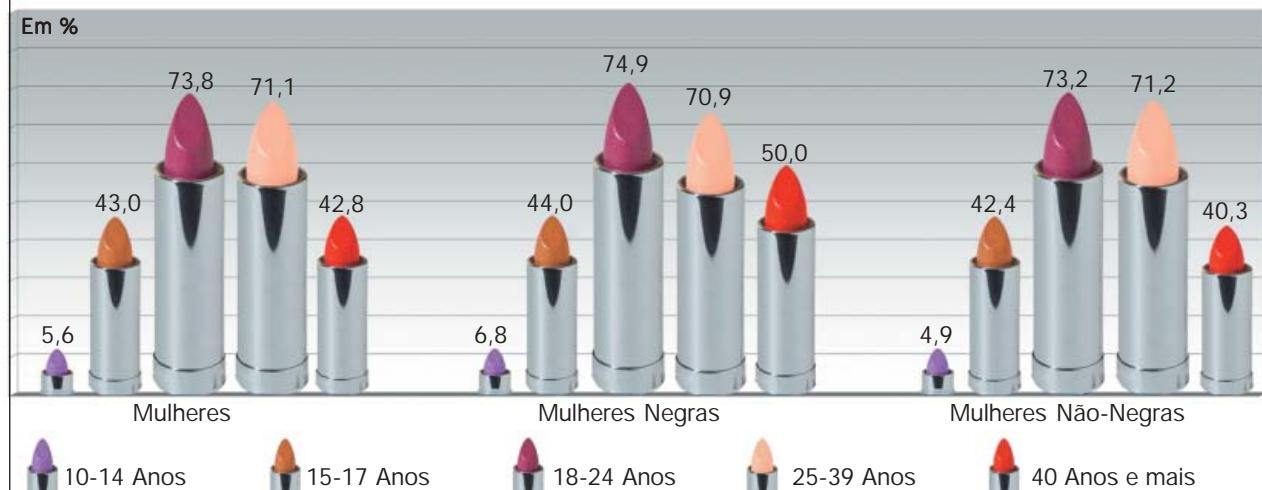
ricanas, em 1857, quando reivindicavam condições dignas de trabalho.

Na história do Brasil, as mulheres trabalhadoras são encontradas desde as escravas que trabalharam nas casas-grande, como amas e criadas, sujeitas, muitas vezes, à violência física e sexual. A mulher negra ao longo de sua história foi a “espinha dorsal” de sua família. Tendo que sustentar aos

filhos e em muitos casos, até mesmo o companheiro, especialmente no período pós-abolição, onde elas conseguiram manter o emprego na casa grande, mesmo com a presença estrangeira ocupando maciçamente os postos de trabalho.

Ainda hoje o acesso da mulher ao mercado de trabalho tem sido interpretado como uma conquista. Atra-

Gráfico 1 - Taxa de participação de mulheres no mercado de trabalho segundo a cor e faixa etária na Região Metropolitana de São Paulo - 2000



Fonte: SEP. Convênio Seade-Dieese Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

(1)Negros: incluem a população preta e parda. Não-Negros: incluem a população branca e amarela

Tabela 1

Posição no Domicílio	Total	Mulheres		
		Total	Negras (1)	Não-Negras (2)
Total	62,5	52,7	55,3	51,5
Chefes	78,1	59,7	67,1	56,4
Cônjuges	52,1	51,7	55,7	50,1
Filhos	54,5	51,2	47,9	52,8
Outros	59,5	50,4	58,7	46,2

Fonte: SEP. Convênio Seade-Dieese Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED. (1) Incluem a população preta e parda. (2) Incluem a população branca e amarela. Fundação SEADE

vés do trabalho a mulher alcança subsídios para ampliar sua inserção e participação na sociedade moderna e constitui uma renda para garantir uma vida digna ou simplesmente para permitir a sobrevivência familiar. Talvez este segundo motivo seja o causador da maior proporção de mulheres negras no mercado de trabalho (veja gráfico 1). Provavelmente em razão da responsabilidade de prover o sustento da família, as negras participam mais intensamente com 67,1% enquanto as não-negras com 56,4% como demonstrado na Tabela 1.

Atualmente, a inserção das mulheres no mercado de trabalho formal e informal se expandiu. No entanto as desigualdades no mercado de trabalho ainda estão presentes na sociedade. Principalmente no que se refere a mulher negra, devido a questões como escolaridade e até mesmo preconceito racial. No Brasil, o emprego doméstico tem um peso importante no mercado para as mulheres negras. As empregadas domésticas constituem uma das maiores categorias de trabalhadoras do país. Do total de empregadas nesse setor, 95% são mulheres, conforme divulgou a Organização Internacio-

nal do Trabalho (OIT) em 2006.

Outro trabalho, no qual muitas negras acabaram descobrindo espaço foi a informalidade. Segundo pesquisa do DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) realizada em 2005, mais de 40% das mulheres não negras ocupavam postos vulneráveis de trabalho e, entre as mulheres negras, esse contingente se elevava para mais da metade.

Os problemas enfrentados pelas negras no mercado de trabalho não param por aí. A discriminação torna-se perceptível ao se analisar o salário e o número de vagas ocupadas por elas.

De acordo com a Relação Anual de Informação Social (RAIS), do Ministério do Trabalho, a negra ganha, em média, R\$ 790,00 e o salário do homem branco chega a R\$ 1.671,00. Quanto ao número de empregos, são 498.521 empregos formais de mulheres negras contra 7,6 milhões de mulheres brancas. A população negra trabalha, geralmente, em posições menos qualificadas e recebe os mais baixos salários.

Apesar do contexto negativo, há uma parcela de mulheres negras que

conseguiu vencer as adversidades, chegar à universidade e ascender profissionalmente nas mais diversas áreas.

Mesmo que em “ritmo lento”, há mulheres negras que conquistam melhores cargos no mercado de trabalho. Graças a muito empenho e superação das dificuldades como abdicar do lazer, da realização da maternidade, do namoro ou até mesmo do casamento. Os esforços têm que ser tamanhos porque, além da necessidade de comprovar a competência profissional, as negras têm de lidar com o preconceito e a discriminação racial que lhes exigem maiores esforços para a conquista do ideal pretendido. A questão de gênero é, em si, um complicador, mas, quando somada à da raça, significa dificuldades potencializadas.

Vislumbrar uma realidade diferente é o primeiro passo para aqueles que querem mudar a história. A empresária Jorgete Lemos é um exemplo disto. Filha de um mecânico e de uma dona de casa, a mãe buscou investir os ganhos do marido nos estudos dos filhos. Graças a isso Jorgete sempre estudou nas melhores escolas, se formou em Serviço Social, fez pós-graduação em Admi-



nistração e hoje é proprietária da Jorgete Leite Lemos Evolução Profissional e Organizacional.

Para Jorgete, atualmente, maior que o preconceito quanto ao gênero é o preconceito em relação à raça. “O escudo primeiro é em questão da raça. Se você é mulher, aí sim vem o segundo impecilho no mercado de trabalho”, explicou.

Ela já sentiu na pele o quanto a

cor, para algumas empresas pode ser um agravante. Ao ser aprovada em todos os testes de uma empresa no interior, quando se apresentou pessoalmente ao selecionador, percebeu a surpresa do mesmo ao vê-la. “A senhora é a Jorgete? Mas nós não temos nenhum negro aqui!”. O emprego só durou uma semana.

A taxa de desemprego entre negros é maior que entre não-negros

conforme a tabela 2 abaixo.

Nas regiões metropolitanas de São Paulo, Salvador e Porto Alegre, a cor discrimina mais no desemprego que o sexo do trabalhador, ou seja, as taxas de desemprego são maiores entre os homens e mulheres negros que entre as mulheres não-negras.

Em todas as regiões, as mulheres negras apresentam as maiores taxas de desemprego. ■

Tabela 2 - Taxas de Desemprego por Sexo segundo Raça/Brasil - Regiões Metropolitanas 1998 (em %)

Regiões Metropolitanas	Negros		Não-negros		Diferença entre as taxas	
	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres negras e mulheres não-negras	Homens negros e homens não-negros
São Paulo	25,0	20,9	19,2	13,8	19,6%	51,4%
Salvador	27,6	24,0	20,3	15,2	36,0%	57,9%
Recife	26,3	20,5	22,6	16,2	16,4%	26,6%
Distrito Federal	22,4	18,9	21,0	14,2	6,7%	33,1%
Belo Horizonte	20,5	15,8	16,8	11,5	22,0%	37,4%
Porto Alegre	22,7	19,2	18,1	13,1	25,4%	46,6%

Fonte: DIEESE/SEADE e entidades regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego. Elaboração: DIEESE

Obs.: Raça negra: pretos e pardos; raça não-negra: brancos e amarelos

O que dizer de uma mulher que aos 50 anos larga o cargo de diretora numa grande empresa para investir num sonho? Num primeiro momento pode parecer loucura, mas Maria Dinamar Makiyama desmente este conceito. Essa mulher é uma prova de que nunca é tarde para buscar um sonho. Empreendedora desde menina, Dinamar como prefere ser chamada, deixou os pais na cidade interiorana de Presidente Epitácio, SP, e aos 16 anos veio para São Paulo a procura de oportunidades de emprego.

Até aí nenhuma novidade. Enfrentou dificuldades ao morar sozinha com uma irmã mais velha. Batalhou e conseguiu um emprego no departamento pessoal de uma empresa. Ingressou na faculdade de Matemática, queria informática, mas na época ainda não existia um curso específico nesta área. Continuou se aprimorando até conseguir um emprego de Assistente Comercial na TV Globo.

Alguns podem dizer, “está bom”. Por tratar-se de uma grande empresa, que de certa forma proporciona

estabilidade. Para Dinamar não era o suficiente. Permaneceu na Globo por oito anos e quando surgiu a oportunidade de ter um negócio próprio, seu sonho resguardado por tanto anos, ela não pestanejou.

Aos 31 anos a empreendedora fundava então uma Agência de Empregos. Pouco tempo depois veio a má notícia. Foi anunciado o Plano Collor e por mais que a vontade fosse maior, a empresa quebrou. Foram quatro anos de luta, mas não deu para manter as portas abertas.



Da Redação

Desempregada, com mais de 35 anos, Dinamar considerou que as oportunidades de trabalho seriam escassas se não agisse em seu favor e resolveu fazer outra faculdade. Agora no curso de Psicologia.

Foi contratada como estagiária numa das maiores empresas de Recursos Humanos de São Paulo, onde foi galgando degraus até chegar ao cargo de Diretora.

Desta vez outros, muitos, podem dizer: “Agora sim, está ótimo, já alcançou tudo que queria”. Ledo en-

gano. Lembra-se do sonho antigo de Dinamar, ter uma empresa dela? Pois então, aquele antigo sonho não a deixava em paz. “Eu não estava feliz”, relata a própria.

Então, como “projeto” dos seus 50 anos de idade, Dinamar abandonou o cargo de diretora e foi ser feliz. Abriu em sociedade com uma amiga uma empresa especialista em processo seletivo de grande volume, mas especificamente na seleção de concursos públicos. A empresa já se mantém há dois anos e vai muito bem

obrigada. A chave para o sucesso? Descobrir um nicho de mercado. “Percebemos que as demais empresas do ramo avaliavam apenas o conhecimento acadêmico. Então resolvemos nos aprimorar em avaliar o profissional em si”, declarou a empresária.

A experiência adquirida nas empresas anteriores foi imprescindível para se chegar a esta conclusão.

Esta história que mais parece um conto é real. Tão real que muitas foram as dificuldades enfrentadas durante o percurso. Vir para uma cidade

grande ainda menina, deixar os pais para trás, resolver fazer mais uma faculdade já com um marido e quatro filhos, abdicar do convívio familiar, tomar a decisão de demitir-se de grandes empresas com bons salários para arriscar-se, enfrentar dificuldades por ser mulher e negra ocupando altos cargos em empresas. Tudo isso foi muito difícil.

Dinamar relata que em muitas reuniões que comparecia, quando já ocupava o cargo de diretora, se algum assistente loiro de olhos claros a acompanhava, logo era deixada de lado, pois as pessoas pensavam ser o assistente, loiro, o diretor, não ela.

|| Somos nós que fazemos a vida.
Como der,
ou puder,
ou quiser. ||
Gonzaguinha

“Eu sempre precisava provar quem eu era e que não estava ali por acaso. Entendo que isso faz parte do hábito que as pessoas têm. Mas isso me dava mais força ainda”, e ela completa dizendo “Nós mulheres temos que continuar quebrando estes paradigmas”. De acordo com a empresária, atualmente a participação de mulheres em concursos públicos, nos cargos de nível médio administrativo chega a 75%. Se for para cargos da área de educação essa porcentagem se eleva para 80 ou até 90%.

No entanto, para engenharia e áreas técnicas esse número cai consideravelmente. Esta aí uma dica para as futuras empreendedoras.

Questionada se agora está realizada, a resposta é efusiva, “Nunca. Já tenho um novo projeto. Fazer uma Fundação voltada para inclusão digi-

tal na 3ª idade. Acredito que não tem validade construir um futuro profissional, se não contribuir para a sociedade”, explicou. Como lição para aqueles que têm sonhos, mas ainda falta um incentivo ela afirma “Se eu comecei uma empresa aos 50 anos, qualquer um pode”. ■



Maria Dinamar Makiyama

mulheres negras no processo de desenvolvimento sustentável

Por Alzira Rufino*

A nova ordem mundial que se está desenhando no início do terceiro milênio aponta para a necessidade urgente de se combater a má qualidade de vida dos habitantes do planeta e aponta para o papel da mulher como geradora de vida e como guardiã dos direitos e da sobrevivência dos elos mais fracos da família humana, as crianças e os velhos.

Há décadas, as mulheres de todo o mundo vêm denunciando os males materiais e espirituais causados por um poder que as exclui, um poder que mantém o planeta em guerra, em desequilíbrio permanente, com uma pequena elite jogando no lixo toneladas de alimentos, sobras de sua avidez, para os milhões de seres humanos que disputam o lixo, em cima dos esgotos a céu aberto e que depois vão esperar, com angustia, a fome do dia seguinte, em suas casas de lata e caixotes, entre ratos e restos de indiferença humana.

A mobilização de tantos milhões de mulheres está transformando o mundo, e a discussão sobre a devastação da natureza tem as mulheres

como personagens constantes desse diálogo entre o desenvolvimento, o progresso e a natureza, a qualidade de vida, o direito à felicidade.

São numerosos os países em que as mulheres estão ainda submetidas a desvantagens sociais, econômicas e culturais. Embora seja um pequeno número de mulheres as que estão em situação de mando e não representem a nossa presença majoritária na população do planeta, este processo não tem volta e as mulheres poderão mostrar uma vocação muito mais generosa para administrar, preservando o direito de todos à felicidade. As mulheres negras e de outras etnias não-brancas têm, dentro desta nova ordem mundial, um papel extremamente revolucionário. Seu avanço político significa o fim da velha ordem colonialista, da absoluta soberba e opulência do colonizador contra a absoluta miséria e humilhação do colonizado.

Na ótica do colonizador, o que importa é ocupar as novas terras, extrair-lhes as riquezas, o sangue, o suor, a vida. Milhões de mulheres,

homens e crianças foram, e ainda são, massacrados e transformados em mercadoria.

Foi abolida a escravidão nas leis, permanece ainda a divisão: primeiro mundo/terceiro mundo; desenvolvimento/subdesenvolvimento; ascendente ou emergentes? A indiferença de países chamados de primeiro mundo que foram beneficiados com a exploração da mão de obra negra escrava, que teimam em deixar o continente africano e povos negros da América Latina sem condições de sobreviver ao caos do pós abolição.

Quais serão as medidas de reparação desses povos?

O que a ONU fará de fato para a reconstrução dos seres humanos?

Nós, mulheres afro descendentes, heroínas de tantas jornadas duplas, triplas, estamos presentes na produção das riquezas, politicamente invisíveis. Mas já estivemos caladas tempo demais. Estamos ocupando novos espaços com os nossos próprios passos. O poder deve ser compartilhado entre as mulheres de todas as etnias e nós, mulheres ne-

gras do Brasil, forjamos nossa força ao longo de séculos de resistência à perda de identidade e dos nossos direitos humanos.

Assim que, ao tratar da integração das mulheres no processo de desenvolvimento sustentável, deve-se priorizar as mulheres afro descendentes e indígenas, que são submetidas a uma dupla discriminação.

Algumas recomendações

Essa dupla desvalorização torna-as particularmente vulneráveis e por isso propomos algumas medidas específicas para impulsionar sua maior participação em todos os níveis:

► Maior acesso das mulheres à informação / meios de comunicação e ação concreta dos Estados e da cooperação internacional em relação aos danos causados pelo atual modelo de desenvolvimento sustentável, que afeta preferencialmente as mulheres das populações africanas, Afro descendentes e Indígenas.

► Programas especiais para conscientizar a sociedade sobre a violência provocada pelo sexismo e pelo racismo contra mulheres não-brancas, mais sujeitas à violação dos seus direitos.

► Maior acesso ao ensino médio e superior, incluindo-se também programas de alfabetização e de capacitação profissional para as funções de direção.

► Como parte das atividades que vão celebrar o Beijing + 10 (2005) e o Durban +5 (em 2006), e o Durban + 15 os governos e as entidades de mulheres deveriam produzir materiais informativos sobre o status das mulheres que estão sujeitas a mais discriminação, dando mais visibilidade à questão.

► Pressão junto aos governos para que haja mais fiscalização sobre as verbas e os programas voltados para o controle da natalidade que têm significado para as mulheres do terceiro mundo, em geral, esterilização em massa; fiscalização sobre a prescrição, sem critérios, de medicamentos de reposição hormonal não recomendados por seus danos à saúde.

► Valorização das culturas e dos conhecimentos das mulheres indígenas, afro descendentes e outras etnias não-brancas, que têm tradição religiosa onde a natureza e seus elementos são considerados sagrados e são a própria divindade.

► Mais apoio dos governos e órgãos de cooperação às mulheres de etnias discriminadas para o seu desenvolvimento econômico, com capacitação para a participação dessas mulheres na elaboração de programas e na sua execução.

► O Comitê para a Eliminação da Discriminação à Mulher, da ONU, deve solicitar aos Estados-Membros de Convenção sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação à Mulher (Convenção que o Brasil ratificou) que incluam informes sobre a situação das mulheres de etnias não-brancas, nos países em que essas etnias estiverem marginalizadas do poder.

► Pressão internacional para pôr fim ao extermínio de crianças e adolescentes negros (as) no Brasil, à prostituição de meninas em todos os países do terceiro mundo, à alta taxa de mortalidade infantil nos países em desenvolvimento, devido, à fome, a doenças de miséria, fruto do estrangulamento das nossas economias pela dívida externa e por políticas de exploração do ser humano e da natureza.

Foto: Arquivo pessoal



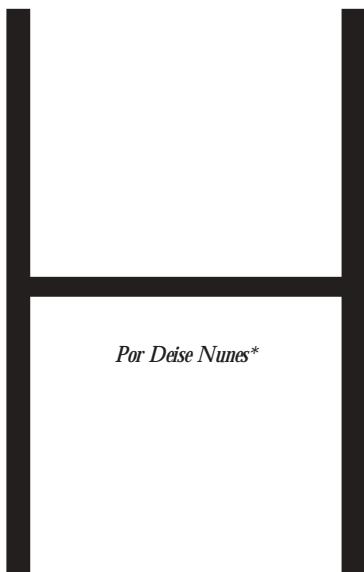
Alzira Rufino

► Inclusão de língua portuguesa como um dos idiomas oficiais da ONU para maior acesso das mulheres dos países de Língua portuguesa e aos processos e conferências das Nações Unidas.

► Que a Agenda de Ação das Mulheres por um planeta Pacífico e Saudável 2015 inclua, urgentemente, diagnósticos e recomendações voltadas para as mulheres que sofrem discriminação de raça, etnia, casta, opção sexual e religiosa, extensivas a todos os temas da Cúpula de Joanesburgo.

Mudar essa visão de mundo que cria tantas separações, inclusive entre mulheres, não tem sido tarefa fácil. Acreditamos, no entanto que as mulheres de todo o mundo continuarão derrubando antigos mitos e que também estarão solidárias nesta luta contra os conceitos (e preconceitos) de superioridade de uma raça, uma nação, uma cultura, uma religião sobre todas as outras, para que sejam definitivamente respeitadas a riqueza e a harmonia da humana biodiversidade do planeta... ■

*diretora presidente da Casa de Cultura da Mulher Negra



Helena, uma pequena vitória

A Helena de Taís Araújo na novela “Viver a Vida”, de Manoel Carlos, da TV Globo, é mais um passo de uma longa escalada rumo à igualdade racial no Brasil. É uma pequena vitória, mas ao mesmo tempo, incrível que só agora, em 2010, a protagonista da novela do horário nobre seja negra, bem resolvida e bem sucedida e de classe média alta, em vez de uma escrava.

O Brasil se esforça em negar que seja um país racista e, de fato, as coisas foram melhorando nos últimos anos, mas acredito que a discriminação nunca terá fim.

Especialmente porque os negros têm sofrido historicamente com estereótipos arrasadores que acabam fazendo parte do inconsciente coletivo, e daí surge o preconceito. Aos negros são atribuídas a violência e a incivilidade. Portanto, a Helena glo-

bal é uma exceção. As pessoas respeitam os negros bonitos ou famosos, desculpem o clichê. E está fora dessa conta a imensa maioria dos negros que continuam rejeitados, alvo de puro e simples preconceito.

A situação geral dos negros no Brasil é de segregação, exclusão, e falta de acesso igualitário à oportunidades. E isso se repete em outros países como os Estados Unidos que há um ano elegeu o primeiro presidente negro da história, Barack Obama, mas tem uma das sociedades mais racistas do planeta.

O fato é que o Brasil é um país negro e precisamos reforçar dia a dia a existência e importância de uma massa que é relegada a segundo plano, infelizmente. É curioso que grande parte da população brasileira seja considerada inferior, sendo que nossa cultura, nossa memória social,

nossa história, são essencialmente africanas. Vivemos um período de políticas afirmativas, de cotas em universidades e concursos públicos, pelo fato de que existe, mesmo que veladamente, um “apartheid à brasileira”, do qual temos que nos insurgir diariamente.

Fui Miss Brasil em 1986, a primeira negra. Há 24 anos se rompia mais um paradigma e, com isso, a esperança de que se deixava de lado o preconceito. Mas as mudanças caminham a passos lentos. Espero num futuro próximo que ser negro no nosso país corresponda a ser integralmente brasileiro. Sem olhares enviesados, sem comentários preconceituosos, e sem que a cor da pele de cada um de nós seja um motivo, mas apenas um mero detalhe. ■

* empresária, primeira miss Brasil negra.



Deise Nunes

dia m da u l h e r

Por Maria Clementina de Souza*

No Dia 8 de março de 1857, operárias de uma fábrica de tecidos, situada na cidade norte-americana de Nova Iorque, fizeram uma grande greve. Ocuparam a fábrica e começaram a reivindicar melhores condições de trabalho, tais como, redução na carga diária de trabalho para dez horas (as fábricas exigiam 16 horas de trabalho diário), equiparação de salários com os homens (as mulheres chegavam a receber até um terço do salário de um homem, para executar o mesmo tipo de trabalho) e tratamento digno dentro do ambiente de trabalho.

A manifestação foi reprimida com total violência. As mulheres foram trancadas dentro da fábrica, que foi incendiada. Aproximadamente 130 tecelãs morreram carbonizadas, num ato totalmente desumano. Porém, somente no ano de 1910, durante uma conferência na Dinamarca, ficou decidido que o 8 de março passaria a ser o “Dia Internacional da Mulher”, em homenagem às mulheres que morreram na fábrica em 1857. Mas somente no ano de 1975, através de um decreto, a data foi oficializada pela ONU (Organização das Nações Unidas).

Ao ser criada esta data, não se

pretendia apenas comemorar. Na maioria dos países, realizam-se conferências, debates e reuniões cujo objetivo é discutir o papel da mulher na sociedade atual. O esforço é para tentar diminuir e, quem sabe um dia terminar, com o preconceito e a desvalorização da mulher. Mesmo com todos os avanços, elas ainda sofrem, em muitos locais, com salários baixos, violência masculina, jornada excessiva de trabalho e desvantagens na carreira profissional. Muito foi conquistado, mas muito ainda há para ser modificado nesta história.

No Brasil, o movimento de mulheres fez com que o estado reconhecesse a situação de violência doméstica contra a mulher, tendo nascido inicialmente em São Paulo, aquela que foi conhecida como a primeira Delegacia da Mulher do Mundo, hoje amplamente seguida por todo o Brasil e já também no exterior: apesar das dificuldades de aceitação e entendimento da necessidade da mesma, por parte especialmente das autoridades constituidas. Hoje podemos contar com um Juizado Especial de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher. Isto mostra que movimentos sociais

devem permanecer unidos e constantes, o mesmo cabendo para movimentos políticos, que é a partir daí que poderemos formar uma conscientização ao problema e questões, e só então encontrar mecanismos de combate às situações adversas. Pois foi assim, com idas e vindas à porta da justiça e até o apoio internacional, que nasceu a Lei nº 11.340/06, mais conhecida como Lei Maria da Penha, em homenagem àquela Professora Universitária, vítima do marido, o também professor universitário, que além da violência cometida, ainda atentou contra a vida da mesma, desferindo-lhe tiros e tornando-a paraplégica.

Como estamos falando em reflexão, e esta revista é um veículo voltado com carinho à comunidade negra, vamos refletir um pouco sobre a situação da mulher negra. Ela não ocupa estatística expressiva nos casos oficiais de registro, seja enquanto vítima de violência doméstica, seja enquanto no ambiente de trabalho, pois como disse acima, face a movimentos sócio-políticos, temos o assédio moral e sexual no trabalho. Muitas vezes a mulher, por falta de conhecimento e informação, sequer



Maria Clementina de Souza

sabe que está sendo vítima de crime.

Que o dia internacional da mulher seja para o levantamento de um balanço de todos os dias vividos pela mulher que é mãe, às vezes pai, filha, irmã, neta, avó, trabalhadora e pro-

fissional de todos os ramos, e que seja um balanço cada vez mais positivo, consciente, a caminho de um mundo melhor e mais justo.

Em tempo: em tudo, não podemos esquecer jamais de praticar o

amor e a prática religiosa, seja ela qual for, pois só a fé é capaz de alimentar a alma do ser humano. ■

* primeira delegada negra em São Paulo, preavosora da criação da Delegacia da Mulher.



Por Maria Ceça*

Acabei de receber a notícia, por telefone, que a Helô, a empregada lá de casa, vai embora hoje. Pediu demissão. Não sei porque sinto um alívio quando minhas empregadas se vão. Sinto uma sensação de liberdade dentro de casa, uma coisa de posse. Sinto que a casa é toda minha e toda vez que isso acontece, fico cheia de energia. Agora mesmo, estou pensando em, quando chegar, vou limpar e arrumar tudo ao meu modo.

Vou chegar nos “cantinhos” que ela não limpava, colocar os tapetes e almofadas de acordo com a geometria da sala, e não enviesado como ela insitia em colocar. Ah! vou ser senhora de minha casa novamente, a dona do pedaço. E não mais parecendo a intrujona que implicava com tudo, quase pedindo licença para pedir um serviço, uma roupa bem pas-

sada ou uma comida caprichada.

E lá vou eu animada, me sentindo realizada, uma, duas semanas... Mas essa situação dura pouco, não consigo ir adiante, logo as minhas forças vão-se embora e começa o tédio de ter que cozinhar, passar, lavar, arrumar, tudo... Meu Deus! E a minha leitura, os meus livros, meu trabalho, minhas unhas, minha ginástica, meu cinema, meu computador... e os filhos! E dá-lhe roupa suja! Mercado! Contas a pagar !!!

Só não falo em marido porque a esta altura ele é “ex” e, se ainda casada estivesse, seria mais um para eu cuidar e ele de mim a reclamar... Ufa!

E pensar nas mulheres de outra que davam conta de tudo, além de mães, avós e tias, que as explicavam assim para servir ao mundo. Preciso hoje ir ao computador e não para o

tanque ou lavanderia. Quero meus filhos calmos, alimentados e ser a mentora intelectual de tudo, além de ter tempo e ânimo para arranjar um namorado novo e romântico. Esse negócio de ficar desgrenhada, suada, limpando tudo, não combina com a vida agitada de agora. Ai meu Deus! Já estou lamentando... Por quê a Helô foi embora?

Chego à conclusão que preciso de uma secretária que adote a minha casa, me adote, cuide dos meus filhos e me trate com uma dama que merece ser respeitada... E se assim for, eu pago qualquer coisa, qualquer pequena fortuna para manter a mente arrumada.

Do jeito que está, não consigo. Sou um farrapo com a casa bagunçada. ■

* atriz.



Maria Ceça

nova condição feminina

Por Joyce Ribeiro*

Reivindicar, lutar e conquistar. Ações que fazem parte da personalidade de todas nós mulheres, desde os tempos mais remotos.

Mudar a condição feminina foi o motivo de muitas lutas do passado.

Hoje, já em meio a outra realidade, em inúmeros aspectos ainda temos o mesmo desafio de buscar melhorias para a vida das mulheres. Depois de tantos avanços, ainda estamos longe do ideal.

Claro que são muitos os motivos para comemoração e o otimismo é uma arma poderosa sempre. Acredito que o dia 08 de março, "Dia Internacional da Mulher", deve ser uma data para reflexões especiais, já que todos os dias são nossos, e em cada um deles podemos criar possibilidades para superar os obstáculos que aparecem na vida de todas nós.

Pensar naquilo que deu certo e no que continuou errado até hoje.

Colocar tudo na balança e traçar um plano estratégico para vencer todos os 365 dias do ano, já que as batalhas ainda são imensas.

Os casos de violência doméstica,

os abusos morais e sexuais, a interrupção dos estudos, a gravidez na adolescência, os baixos salários; são apenas alguns dos problemas enfrentados pelas mulheres não só no Brasil, mas no mundo todo. Problemas que não podem mais ser tolerados pela sociedade; pelos homens e mulheres que hoje já têm meios, consciência e condições para mudar tudo isso na prática.

Desde 1932 as mulheres conquistaram o direito ao voto, e hoje nos aproximamos de uma eleição onde a presença feminina terá destaque, a ponto de se tornar o tema central de muitos debates.

Cada vez mais ocupamos os bancos das universidades e os postos de trabalho, frequentemente estamos no comando de grandes empresas, nos especializamos em áreas antes dominadas pelos homens, mostramos, superamos e aprimoramos nossa capacidade a cada dia, usando características femininas antes tão criticadas e que hoje fazem toda a diferença em nossas trajetórias de sucesso.

Tudo isso é muito bom de se pensar no dia 8 de março, são conquis-

tas importantes, que despertam nossa atenção para o fato de que estamos construindo uma nova realidade, e somos parte da história que será contada para as nossas filhas e netas, sendo assim a responsabilidade aumenta... mas a motivação também.

Definitivamente, nascer mulher nos dias de hoje, não nos aprisiona à obrigação de desempenhar apenas funções impostas, como no passado.

As possibilidades nas escolhas profissionais e ideológicas são infinitas... e estas irão corrigir os erros que persistiram ao longo dos anos, dos séculos. Desta forma construiremos uma convivência harmônica e livre de preconceitos entre homens e mulheres. Estamos no caminho certo e o ideal é cada vez mais possível.

A nova história feminina se constrói com base na combinação: estudo, trabalho e força de vontade; que temos de sobra. Em nossas mentes, espaço para sonhos sem limites, ancorados na certeza de que nossa contribuição é fundamental para a construção de um futuro melhor, sempre. ■

* jornalista - SBT.



Joyce Ribeiro

a "rocha" de Obama

Da Redação

De acordo com o ditado popular, “no relacionamento homem/mulher, o marido tem que ser a ‘cabeça’ da relação”. Nisto surge um trocadilho, “o homem tem que ser a cabeça, mas a mulher tem que ser o pescoço, pois controla a cabeça como quiser”.

O fato é que, como em tantos outros ditados populares, neste também há um fundo de verdade. Não são poucas as histórias de casais onde as parceiras têm igual, ou até maior representatividade que o marido.

No caso de Michelle e Barack Obama, desde o período da campanha eleitoral, pode-se observar uma Michelle atuante. Neste um ano de Obama na presidência da maior potência mundial, a primeira-dama não demonstrou, nem de longe, ser uma figura apagada ao lado do marido.

Com personalidade forte, ela cuida do marido e das filhas com maestria, além de conciliar os trabalhos sociais e manter-se sempre elegante e altiva. O porte impecável no trajar lhe rendeu citações na revista *Vogue*

e na revista *Vanity Fair*. Ela figura na lista internacional das mulheres mais bem vestidas do mundo.

Após ser criticada no início da campanha para presidência do marido, Michelle soube dar a volta por cima. Na ocasião, ela relatou que em sua percepção Obama é como um marido comum. Um homem que se for necessário deve ajudá-la nas tarefas domésticas. Por isso chegou a ser chamada de “controladora”.

Michelle tem demonstrado ser uma mulher simples, que não deixa o sucesso “subir à cabeça”.

Já afirmou em entrevistas, que mesmo morando na Casa Branca, as filhas têm que saber que tal situação é passageira, sendo assim as meninas também têm sua dose diária de “vida normal”. Arrumam a própria cama e são o mais independente possível.

Hoje, a primeira-dama é reconhecida pelo envolvimento em ações voltadas para benfeitorias nos EUA. Recentemente, em fevereiro deste ano, ela lançou a campanha ‘Let’s

move’ (Vamos nos mover), em nível nacional de luta contra a obesidade infantil, considerado uma das principais ameaças à saúde e à economia norte-americana.

Os números comprovam que aproximadamente 32% das crianças e adolescentes norte-americanos sofrem com o sobrepeso ou com a obesidade, segundo os últimos dados disponíveis. Cerca de 20% das crianças entre 6 e 11 anos e 18% de entre 12 e 19 anos são obesos.

Assim como a dança protagonizada pelo casal na cerimônia de posse, Michelle e Obama, acertam o passo. O casal transmite ao mundo a imagem de uma família promissora. Apesar da difícil missão de ocupar o cargo de primeira-dama negra dos Estados Unidos, com todas as atenções do mundo voltadas a ela, aos 46 anos, Michelle corresponde à afirmação feita pelo marido. “Ela é a rocha da família, uma mulher firme que me mantém com os pés na terra”, definiu o presidente em certa ocasião. ■



Michelle Obama



Beyoncé Knowles

Foto: ImagineChina- AFP

dama que brilha

Por Rejane Romano, da redação

Uma beldade, que esbanja graça e um vozeirão de se admirar. Beyoncé, a grande vencedora do Grammy 2010, tem uma semelhança com o personagem da mitologia grega, Midas, pois tudo que a mega *startoca*, ou melhor, se envolve, vira ouro.

A cantora, dançarina, compositora, arranjadora vocal, produtora e atriz diz ter se inspirado em divas como Aretha Franklin, Tina Turner, Donna Summer, Toni Braxton, Janet Jackson, Whitney Houston, Mariah Carey e Diana Ross. De fato muitas dessas divas são precursoras em estabelecer as mulheres como grandes nomes na música internacional. Mas nunca, antes de Beyoncé, foi visto tamanho sucesso em diferentes áreas.

Ela é atualmente um fênomeno de vendas, mais de 25 milhões de discos. Em 2009, a revista *Forbes* elegeu Beyoncé como a cantora mais rica do

mundo com menos de 30 anos de idade, por ela arrecadar mais de 87 milhões de dólares no período de 2008 a 2009, colocando-a no quarto lugar na sua lista das 100 Celebridades Poderosas do Ano.

Nesse mesmo ano ela foi eleita a artista da década. A revista *Billboard* também já colocou Beyoncé em 4º lugar na lista dos melhores artistas da década de 2000, sendo que ela é a primeira artista feminina dessa lista. Segundo a *Sony Music*, se juntar as vendas de discos de Beyoncé e das Destiny's Child, grupo no qual fez parte no início da carreira, o total ultrapassa 100 milhões de discos vendidos.

Ao todo a musa pop teve cinco *singles* em primeiro lugar da *Billboard*. No *NAACP Image Award de 2009*, Beyoncé ganhou o prêmio de "Melhor Artista Feminina do Ano". No *Teen Choice Awards de 2009*, ganhou o

prêmio de "Melhor Artista de R&B".

O videoclipe da música "Single Ladies (Put A Ring On It)" ganhou o prêmio de "Clipe do Ano" no *BET Awards* e também recebeu nove indicações no *Video Music Awards de 2009*, ganhando em três categorias: "Clipe do Ano", "Melhor Coreografia" e "Melhor Edição". Em Outubro de 2009, foi premiada pela revista *Billboard* com o prêmio de "Mulher do Ano". Em novembro, durante o *MTV Europe Music Awards*, em Berlim, Beyoncé levou três prêmios.

Beyoncé foi o artista com mais indicações ao *Grammy Awards de 2010*, recebendo 10 indicações para o prêmio. No qual faturou seis. Dentro elas, Canção do Ano, com *Single Ladies*, Melhor Canção e Melhor Performance Feminina de Rythm and Blues e Melhor Cantora de Música Pop com *Halo*.

Conhecida por escrever músicas pessoais e feministas, em 2001, a *American Society of Composers, Authors and Publishers* deu a Beyoncé o prêmio de *Compositor do Ano*, pela suas composições feitas para o grupo Destiny's Child no período de 1990 a 2000. Beyoncé foi a primeira compositora afro-americana e primeira mulher a ganhar esse prêmio.

Para este ano já está confirmado o lançamento de um novo álbum e o primeiro perfume de Beyoncé, chamado Beyoncé Heat, com previsão de lançamento ainda neste primeiro trimestre.

Nascida e criada em Houston no Texas (EUA), ela canta desde a infância. O pai, Mathew Knowles, produtor musical, foi produtor e empresário do grupo Destiny's Child.

O talento vocal de Beyoncé foi descoberto durante as aulas de dança. Aos sete anos ganhou um prêmio de mérito escolar pela versão da canção *Imagine* de John Lennon, ela foi aplaudida de pé. Com nove anos de idade, fez um teste para um grupo de meninas e entrou para um grupo de rap e dança chamado Girl's Tyme, formado por seis garotas. Mas só alcançou a fama em 1997 como vocalista do grupo Destiny's Child, também composto apenas por mulheres. Mais tarde o grupo foi considerado como o grupo feminino que mais vendeu discos de todos os tempos. A carreira solo teve início em 2003, quando lançou *Dangerously in Love*.

A carreira como atriz teve início em 2001 quando ela fez o papel principal do filme *Carmen: A Hip Hopera* da MTV. Em 2002, co-estrelou o filme *Austin Powers e o Membro de Ouro* com o ator Mike Myers.

Em 2005, assumiu o papel prin-



Foto: AFP PHOTO / ROBYN BECK

cipal no filme *Dreamgirls*, uma adaptação cinematográfica de 1981 do sucesso da Broadway sobre um grupo de canto da década de 1960, baseado no grupo feminino The Supremes da gravadora Motown. No filme, ela interpreta Deena Jones, baseada em Diana Ross. Neste filme Beyoncé também gravou várias músicas para a trilha sonora, incluindo a música "Listen".

As apresentações no Brasil, em fevereiro deste ano, foram sucesso de crítica e de público. As cidades de Florianópolis, São Paulo, Rio de Ja-

neiro e Salvador, puderam presenciar um show completo. Dez trocas de roupas, baladas românticas e frenéticos ritmos dançantes, muita dança e uma homenagem ao astro Michael Jackson, falecido em 2009. A passagem de Beyoncé pelo Brasil deixou um "gostinho de quero mais".

Atualmente é casada com o rapper Jay-Z, desde 2008. Em 2010 o casal foi considerado o mais rico do mundo pela revista *Forbes*. Segundo a revista, o casal arrecadou no período de Junho de 2008 à Junho de 2009, 122 milhões de dólares. ■



Cabelo • Maquiagem • Manicures • Podólogos • Depiladoras • Esteticistas



A ESCOLHA CERTA PARA O SEU BEM ESTAR

A Maria Bonita foi projetada para o seu conforto e comodidade. Com profissionais qualificados, salas individuais para bronzeamento, tratamentos estéticos, apartamentos completos para o seu Dia da Noiva e do Noivo, Madrinhas, Debutantes e Day Spa.

Venha ver tecnologia, espaço, conforto e carinho sendo usados para o seu bem estar e beleza.



Vestido Mazé Alta Costura - 2930-6722 - Acessórios Splendore Bijouterias 2973-7738



Maria Bonita
Exclusiva

Av. Leônio de Magalhães, 769 - (11) 2976-0105

www.mariabonitaestetica.com.br

K a mais oderosa do mundo

Por Sérgio Kakitani

Quando pedi a algumas mulheres negras americanas para que me falassem sobre Oprah Winfrey, percebi a admiração, o orgulho e a fonte de inspiração que a apresentadora representava para elas. A história da menina negra nascida na zona rural do Mississippi, que enfrentou a pobreza, foi vítima de abusos sexuais e se tornou a maior apresentadora da televisão americana e uma das maiores e mais bem-sucedidas personalidades do país, quebrando várias barreiras pelo caminho, é um exemplo a ser seguido.

“O impacto e a influência de Oprah Winfrey no modo como as mulheres afro-americanas vêem a si mesmas e a seu potencial não deve

ser subestimado”, diz Crystal Cason, de Atlanta, Georgia. Odessa Brooks, também de Atlanta – cidade, aliás, que tem no cargo de prefeita uma mulher negra – complementa: “Oprah demonstra claramente que as mulheres afro-americanas podem ser não só fortes, mas também inteligentes, engracadas, generosas, bonitas, ambiciosas, bem-sucedidas e ricas.”

A lista enorme de adjetivos citados por Odessa de maneira alguma são exagerados. Para qualquer americano, o chamado “American Dream” (Sonho Americano) – a idéia de começar de baixo, enfrentar dificuldades, fazer seu próprio caminho e através de seus esforços atingir o sucesso – é um ideal a ser atingido. E

Oprah Winfrey é um exemplo perfeito deste ideal. “Oprah é a personificação das palavras que toda criança ouve de seus pais, ‘você pode ser qualquer coisa que deseja ser’, adiciona Crystal.

Mulher e negra, Oprah não só se tornou uma apresentadora de sucesso e uma das mulheres mais ricas do mundo, como também atingiu a excelência em várias outras áreas, como o cinema e o mundo empresarial. Por conta disso, é quase unanimidade nos Estados Unidos, transcendendo barreiras de raça e gênero, e conquistando uma influência incomparável na sociedade americana atual. “Sua riqueza a catapultou para um poder de influência tão grande que agora ho-



Oprah Winfrey

“ Ela é a única negra americana a figurar na lista das 400 pessoas americanas mais ricas da revista Forbes todo ano desde 1995. É também a primeira mulher negra bilionária do mundo. ”

Foto: Katy Winn / Getty Images / AFP



mens de todas as raças e etnias se utilizam de seu programa como uma plataforma para seus próprios sucessos. Todo mundo sabe que uma vez que você vá ao programa da Oprah... você realmente chegou lá”, diz Nikki Foster, funcionária do canal Cartoon Network em Atlanta.

Nascida em 29 de janeiro de 1954, em Kosciusko, uma pequena cidade do Mississippi, Oprah conviveu com

a pobreza extrema vivendo com a mãe solteira, Vernita Lee, e a avó, Hattie Mae Lee. Apesar das dificuldades, sua avó – uma das grandes influências em sua vida – a ensinou a ler aos três anos de idade. Foi ela também que ensinou à neta o que Oprah chamou de “uma percepção positiva de mim mesma.”

Aos seis anos, se mudou com a mãe para Milwaukee, no estado de

Wisconsin. Como ficava sozinha enquanto Vernita trabalhava, Oprah revelou mais tarde que sofreu abusos sexuais de seu primo, de seu tio e de um amigo da família. Aos 14 anos, ela engravidou, mas seu filho morreu logo após o parto. Logo depois, Vernita a enviou para viver com o pai, Vernon Winfrey, em Nashville, Tennessee. Vernon fez da educação da filha, que apesar de todos os obs-

táculos sempre foi excelente aluna, uma prioridade.

Com o incentivo do pai, Oprah ganhou uma bolsa para estudar na Tennessee State University, uma universidade voltada para a comunidade negra do estado. Daí em diante, começando por uma estação de rádio local, Oprah iniciou sua trajetória na comunicação.

Depois de ser a primeira âncora negra de um telejornal em Tennessee e passar um período em Baltimore, Oprah se mudou para Chicago. Quando herda a posição de apresentadora de um talk show local, o programa era o último em audiência. E o concorrente era Phil Donahue, o apresentador que revolucionou o formato deste tipo de programa.

Ao contrário de Donahue, Oprah tinha um estilo mais emotivo e pessoal de conduzir o programa. Nunca hesitava, por exemplo, em chorar junto ao entrevistado quando se emocionava. Bastaram alguns meses para que Oprah atingisse o primeiro lugar de audiência e começasse a vender seu programa para transmissão nacional.

Hoje, o The Oprah Winfrey Show é mais do que um talk show. Sua influência é tão grande que não há personagem ou assunto da agenda nacional americana que não vá se sentar ao sofá ao lado de sua apresentadora. O segmento Oprah's Book Club (Clube do Livro da Oprah) dá uma dimensão da força do programa. Todos os livros escolhidos por Oprah, contemporâneos ou

clássicos, não importa, vão direto para a lista dos mais vendidos.

Mas Oprah não se limita sómente à televisão. Antes de seu programa ser transmitido nacionalmente, ela foi indicada ao Oscar. Ela publica duas revistas, fundou sua própria companhia multimídia, a Harpo Productions (voltada para o cinema, rádio, estúdios, televisão e internet), e vai criar sua própria emissora de televisão em uma parceria com a Discovery Channel. Quando o novo canal entrar no ar, ainda em 2010, Oprah vai encerrar o The Oprah Winfrey Show do ar, em 2011, quando vence o atual o contrato do programa.

Tudo isso fez de Oprah o que a revista Time e a emissora CNN chamaram de “possivelmente a mulher mais poderosa do mundo”. Ela é a única pessoa negra americana a figurar na lista das 400 pessoas americanas mais ricas da revista Forbes todo ano desde 1995. É também a primeira mulher negra bilionária do mundo.

Sua influência e credibilidade, em alguns aspectos, é incomparável na esfera cultura americana. Em 1991, uma campanha sua contra o abuso sexual de crianças virou lei, assinada pelo então presidente Bill Clinton. E sua participação e apoio a Barack Obama foi fundamental nas primárias do Partido Democrata e também nas eleições presidenciais. Isso a fez ser considerada para um posto de embaixatriz americana na Inglaterra e ao posto de senadora por Illinois. ■

Filantropia

Oprah é considerada a artista americana que mais contribui para causas sociais. Em 1998, ela criou a Oprah's Angel Network, uma organização voltada para projetos sociais. O valor arrecadado até hoje já ultrapassa 51 milhões de dólares. Depois da tragédia do furacão



<http://oprahsangelnetwork.org/>

Katrina, a Angel Network arrecadou 11 milhões de dólares e Oprah contribuiu pessoalmente com mais 10 milhões para os esforços de reconstrução.

Em 2004, em uma viagem para a África do Sul para filmar um segmento de seu programa sobre crianças afetadas pela pobreza e pela AIDS, Oprah se comprometeu a fundar a Oprah Winfrey Leadership Academy for Girls. Os trabalhos de construção começaram em dezembro de 2002, com a presença de Nelson Mandela. E em 2 de janeiro de 2007, a escola foi oficialmente aberta, planejada para abrigar no futuro até 450 alunas.

O objetivo da escola é proporcionar a meninas de áreas pobres da África do Sul uma educação de qualidade, para que no futuro elas possam se tornar as mulheres líderes do país. Em uma entrevista para o mais recente livro do ex-presidente Bill Clinton, perguntada sobre porque decidiu abrir a escola, Oprah afirmou que professores atenciosos “fizeram da educação uma porta aberta” para ela e que queria ajudar meninas que cresceram como ela, “em desvantagem econômica, mas não pobres de mente ou espírito”. Hoje a escola abriga 152 alunas.



10 mulheres negras

Por Dulcineia Novaes

|| Mulheres. Negras. Guerreiras.
Negras mulheres. Bravas guerreiras.
Incansáveis. Poderosas. ||

Fico pensando quantos adjetivos e quantas virtudes podemos atribuir a essas mulheres que enriquecem nossas existências com suas histórias de vida.

Desbravadoras, valentes como Ruth de Souza, a primeira atriz negra brasileira, de projeção internacional pelo trabalho realizado no cinema, além do reconhecimento conquistado pelas atuações no teatro e na televisão.

Tive a honra de conhecer Ruth de Souza na década de 80, em Londrina, Norte do Paraná, onde morava e participava de um grupo de teatro amador, formado por jovens estudantes. O então diretor do Grupo Teatral Positivo, José Antonio Teodoro (já falecido) era amigo de Ruth e a con-



Ruth de Souza



Neusa Borges

vidou para a estréia da nossa peça. Coincidemente, eu interpretava a mesma personagem que Ruth fizera no teatro, a governanta Viney, na peça “O Milagre de Annie Sullivan”, de William Gibson.

Imaginem ter Ruth de Souza na platéia, convidada especial, na estréia! A temporada de “O Milagre de Annie Sullivan”, batizada por uma estrela de primeira grandeza, foi um sucesso. A madrinha deu sorte!

Na época, eu já nutria uma grande admiração por Ruth de Souza. Jornalista em início de carreira, confesso que foi uma emoção enorme poder fazer uma entrevista exclusiva com ela, para o Caderno de Arte e Comunicação da Folha de Londrina. Uma página inteira! Na oportunidade, Ruth fez um retrospecto da carreira e falou sobre a luta árdua que é ser artista neste País.

Outros tempos. Deixamos de ser apenas figurantes, serviçais, para sermos protagonistas no teatro, na televisão, no cinema, na vida, enfim.

Então adjetivos não bastam para emoldurar grandes mulheres como a nossa querida Ruth, uma Diva, uma lady,

terna, firme, serena, talentosíssima, a quem deixo aqui o meu tributo.

Madrugada dessas, lá estavam ela e Léa Garcia, em “Filhas do Vento”, exibido pela Rede Globo. Maria Ceiça, Taís Araújo e tantas outras igualmente talentosas atrizes negras. Um elenco quase todo de afrodescendentes... Uma maravilhosa ousadia!

E o que dizer de Neusa Borges? Figura sofrida, que também enfrentou percalços em sua trajetória. Mulher guerreira na luta contra as desigualdades no meio artístico. E a cada oportunidade, com que garra ela interpreta suas personagens! Outros tempos. Espaços conquistados a duras penas!

Que o diga Glória Maria, nossa Glória no meio jornalístico? Referência incontestável. E vem lá de longe, ousada, criativa, abrindo caminho, servindo de exemplo, destilando coragem, descortinando todo tipo de preconceito presente no construto dessa profissão.



Glória Maria



Isabel Fillardis

Nesse sentido, é uma vencedora que com um estilo próprio, diferente, passou pelos principais telejornais da Rede Globo de Televisão. Do RJTV, telejornal regional do Rio de Janeiro, aos telejornais transmitidos em rede nacional: Jornal Hoje, Jornal Nacional, Globo Repórter e Fantástico, onde atuou durante dez anos como apresentadora. Depois de dois anos de ausência, Glória está retornando. Feliz. Agora também no doce ofício de ser mãe. Ave Glória!

Do lado de lá da América, vem outro exemplo: a apresentadora Oprah Winfrey. De origem muito pobre, vítima de violência sexual na infância, Oprah é hoje uma das mais importantes comunicadoras do Planeta. É dona de um programa líder de audiência na televisão americana e respeitada no mundo todo. Está na lista das maiores fortunas. Em contrapartida, desenvolve um trabalho social em comunidades carentes de países africanos, bancando inclusive a construção de escolas.

Salve Isabel Fillardis, Camila Pitanga, Taís Araújo!

Já somos capa de revistas! Nossos cachos em evidência. Nossa cor de pele é invejada (subjetivamente, claro!). Até já criaram maquiagem étnica. Compramos sim! Consumimos, sim! Somos reconhecidas(o)s como potencial público, alvo do mercado consumidor. Já aparecemos um pouco mais em comerciais de televisão. Somos formadoras de opinião!

Antes papéis secundários. Hoje protagonistas. Taís Araújo vem trilhando este caminho. De Xica da Silva, na extinta Manchete, passando pela “Cor do Pecado”, em 2004, “A Favorita”, em 2008, no papel de Alicia, até a atual Helena, na novela “Viver a Vida”, de Manoel Carlos. E com que orgulho vemos a bela Taís estampada nas mais

variadas capas de revistas deste País! Ditando moda. Tudo isto representa uma mudança conceitual no panorama da negritude brasileira.

Bravas mulheres, negras guerreiras e suas histórias!

Lembro-me de Isabel Fillardis, na novela Renascer, onde ela fazia o papel de Ritinha. Linda, sensual, lapidando a autoestima em tantas outras mulheres negras da mesma geração que se viam refletidas naquela personagem - verdadeiras Ritinhas da inesgotável imaginação!

Finalmente, para completar esse processo de espelhamento, uma modelo em que se basear. Bela, famosa e todos os flashes a seu favor. Que orgulho vê-la em novos desafios!

Em destaque nas revistas, talento reconhecido. Mais do que talento, Isabel Fillardis tem uma comovente história de superação, a partir da síndrome rara de seu filho Jamal. A Síndrome de West afeta o desenvolvimento psicomotor e a capacidade respiratória da criança. Isabel, no entanto, empreendeu uma luta sem igual para dar ao filho, hoje com cinco anos de idade, uma vida normal, de que tinha direito. Incansável ainda dirige uma ONG ambiental de reciclagem de lixo. Mãe também de Analuz, a primogênita, casada com o empresário Júlio Cesar, igualmente negro, a meiga Isabel é um exemplo de mulher engajada e batalhadora.

Nessa galeria de negras guerreiras, a atriz Camila Pitanga. Em novembro do ano passado, na festa de entrega do Troféu Raça Negra, em São Paulo, tive a grata oportunidade de cumprimentar o ator Antonio Pitanga e parabenizá-lo pelos filhos talentosos, Camila e Rocco Pitanga.

Filho de peixe... bem diz o ditado. Camila é um espetáculo à parte. Atriz completa, belíssima, virtuosa.

Em cinema, a história de Camila vem desde 84, aos 6 anos de idade, com o filme "Quilombo" e a filmografia é extensa. Já, em televisão, o começo de tudo foi na minissérie Sex Appeal, da Rede Globo, em 1993. Depois do sucesso estrondoso da divertida e espalhafatosa garota de programa Bebel, em 2007, na novela Paraíso Tropical, a vida presenteou Camila com o nascimento da filha Antonia, em 2008. Agora, no papel de Rose, na novela Cama de Gato, mais uma vez Camila não nega e prova: a arte de bem representar está mesmo no registro genético.

Temos de que nos orgulharmos! Se é uma questão de gênero, temos bons exemplos em que nos espelharmos. Não é o ideal?!? Obviamente que não. Queremos e merecemos maior reconhecimento. Desejamos e queremos mais igualdade de direitos. O caminho começou apenas a ser trilhado. Já houve avanços significativos, indiscutivelmente. Há, todavia, ainda muitos desafios a serem vencidos. "Mas é preciso ter força, é preciso ter raça, é preciso ter gana sempre"!

Sendo assim, não é sem propósito que me recorro a um trecho da composição "Maria, Maria" de Milton Nascimento

e Fernando Brandt, para aplaudir essas bravas mulheres, negras guerreiras e suas histórias:

*"Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho, sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida." ■*

*repórter nacional da RPCTV, afiliada da Rede Globo no Paraná. Mestre em Comunicação e Linguagens. Professora universitária. (dulcineianovae@globo.com)



Foto: Christian Gaul/Divulgação



cidades femininas

Da Redação

Faça um teste. Digite num des-
tes sites de busca a seguinte frase:

“Mulheres são maioria”. Uma
enormidade de links es-
tarão disponíveis nos
mais variados assuntos.
Mulheres são maioria
nas universidades, nos
jogos on line, nos sites de
relacionamento, nos gabinetes
de algumas cidades e são maioria na
população brasileira.
No último censo realizado em 2007,
dos 183,9 milhões de habitantes, se-
gundo a Contagem da População, a
proporção foi de 99,6 homens para
cada 100 mulheres.

O levantamento foi feito em 97%
dos municípios brasileiros. Das cin-
co regiões do país, as mulheres fo-
ram maioria em número de habitan-
tes em três: Nordeste, Sudeste e Sul.
Entre os estados pesquisados, a Pa-
raíba ganhou destaque com 94,6 ho-
mens para 100 mulheres.

De acordo com Luiz Antônio Pin-
to de Oliveira, Chefe da Coordenação
de População e Indicadores Sociais
(Copis), atualmente nos grandes cen-
tros urbanos a proporção é de 92 ho-
mens para cada 100 mulheres.

Isso seria resultado da diferença
entre a expectativa de vida das mu-
lheres, que é de oito anos a mais que

Vista aérea noturna do centro de São Paulo

os homens. O chefe da Copis cita ainda que apesar de nascerem muito mais homens no mundo inteiro, aproximadamente 100 meninas para cada 104 meninos, a taxa de mortalidade dos homens é maior. "Ainda na primeira infância os meninos têm uma taxa de mortalidade maior, são mais frágeis. Inclusive precisamos rever esta questão do sexo forte. Aos 19 anos as mulheres já tomam a frente e aos 60 anos a diferença é maior ainda", esclareceu Luiz Antonio.

Há distintas possibilidades para este acontecimento. Uma das causas possíveis é a violência, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), divulgada em setembro de 2009, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Constatou-se que os homens

|| Ainda na primeira infância os meninos têm uma taxa de mortalidade maior, são mais frágeis. Inclusive precisamos rever esta questão do sexo forte.

Luiz Antônio Pinto de Oliveira
Chefe da Copis.

se envolvem mais em acidentes de trânsito e na questão da violência urbana. Em 2008 o percentual de pessoas na faixa etária mais jovem, de até quatro anos, era 6,9% do total de mulheres (97,5 milhões) e 7,5% do total de homens (92,4 milhões). Já na faixa

etária mais velha, de 60 anos ou mais, estão 12,1% das brasileiras e 10% do total de homens, segundo a pesquisa.

Outro motivo é que os homens costumam apresentar resistência em procurar por médicos, mesmo quando estão doentes, o que leva a um maior número de óbitos. Sendo assim a proposta desta edição da **Afirmativa Plural** quanto a Turismo é levá-lo a conhecer duas cidades que apresentam maioria feminina.

São Paulo

A tão famosa noite paulistana, do Estado mais populoso do Brasil, é um reflexo claro da diferença entre os sexos. Basta dar uma volta pelos barzinhos da cidade para identificar que a presença feminina é predominante. Em São Paulo, as mu-



Ponte estaiada Octávio Frias-Sao Paulo



Foto: www.wikimedia.org

lheres são maioria e representam 52,35% da população.

A capital paulista possui mais de 55 mil bares e restaurantes, conforme dados da Abrasel (Associação Brasileira de Bares e Restaurantes). São 15 mil bares, 500 churrascarias, 12,5 mil restaurantes, 1500 pizzarias, 3200 padarias, 600 restaurantes japoneses tradicionais e 2 mil casas noturnas. A cidade possui uma gama gastronômica que proporciona aos turistas experimentar pratos das mais diferentes cozinhas. Não é por acaso que São Paulo é considerada a capital mundial da gastronomia. São 52 tipos de culinárias diferentes.

Os parques e as áreas verdes são outro atrativo. Apesar de muitos considerarem a capital como uma "selva de pedra", mais de 60 parques compõem a área verde da cidade, que equivale a 20 milhões de metros quadrados. Dentre os parques mais freqüentados está o Parque do Ibirapuera, com três lagos artificiais, uma pista de Cooper, uma pista de corrida, uma ciclofaixa, praças e o MAM (Museu da Arte Moderna).

Em 2009, São Paulo venceu o concurso de melhor destino nacional da revista Viagem & Turismo. E

mais, o Ministério do Turismo eleger São Paulo como a Capital do turismo nacional.

Natal

A Secretaria de Meio Ambiente e Urbanismo (Semurb) divulgou no anuário 2009, com dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que 53,01% da população potiguar é formada por mulheres e apenas 46,99% por homens.

Em Natal as mulheres não são apenas maioria da população, elas participam ativamente da vida política da cidade. O Rio Grande do Norte é o único estado onde as mulheres ocupam todos os cargos legislativos.

Em São Paulo, as mulheres são maioria e representam 52,35% da população.

Localizada entre o rio e o mar, Natal faz parte do Litoral Potiguar, no Rio Grande do Norte, que possui mais de 400km de praias, com lagoas próximas ao mar e mais de 20Km de extensão de rio em área urbana.

No verão de 2004/2005, a cidade foi eleita como o segundo destino mais procurado por turistas brasileiros. Natal recebe por volta de 2 milhões de turistas por ano. Atualmente o aeroporto internacional recebe em média 14 vôos internacionais por semana. Os turistas estrangeiros que mais procuram este destino são os portugueses, holandeses, espanhóis e argentinos. Quanto aos turistas nacionais, os paulistanos são os que mais visi-

Foto: Satur/RN



Praia do Pipa - Natal/RN

tam a cidade, seguidos por turistas de Pernambuco, Ceará e Rio de Janeiro.

Em Natal os turistas vão encontrar belas paisagens e uma culinária marcada pela presença da carne-de-sol e do camarão. Natal é considerada a “Terra do Camarão”. Os visitantes podem saborear uma grande e rica variedade de pratos com o crustáceo. Natal é o maior produtor e exportador de camarões do país. A cidade ainda possui o maior Parque Florestal Urbano do Brasil, o Parque das Dunas, que envolve o centro de Natal e margeia a Via Costeira. Além de ostentar o maior “Cajueiro do Mundo”, com cerca de 8.400 metros quadrados de copa e 120 anos de existência.

Uma das maiores atrações turísticas de Natal, são os passeios de Buggy por Dunas, Praias e Lagoas. É considerada a “Capital Mundial do Buggy”. A cidade ainda se promove afirmando ser a “Cidade do Sol”, com 300 dias de sol durante o ano, além de ostentar o ar mais puro das Américas.

Outros pontos turísticos são: o **Centro de Turismo de Natal**, também conhecido como Casarão, tornou-se um local de manifestações artísticas e culturais após restaurado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN); o **Farol de Mãe Luiza**, os 151 degraus resultam no farol mais alto da América do Sul em relação ao nível do mar; a **Fortaleza dos Reis Magos**, tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, é um dos mais importantes fortões militares do país; o **Memorial Câmara Cascudo**, memorial criado em homenagem a Luís da Câmara Cascudo, pesquisador e um dos maiores folcloristas do país; o **Morro do Careca**, uma duna de 120 metros de altura, margeada por vegetação, compõe um dos mais belos cartões postais do Brasil; e o **Teatro Alberto Maranhão**, um monumento tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico do Rio Grande do Norte, que conserva linhas e elementos da arquitetura francesa do final do século passado, além de cerâmica belga como revestimento do piso de entrada e da platéia.

Agora é só escolher o destino e partir rumo a uma dessas cidades, que possuem infinitas belezas e muitas outras curiosidades a serem descobertas. Boa viagem! ■

Foto: Satur/RN

Fortaleza dos Reis Magos



Foto: Edson Luis

Dunas de Genipabu

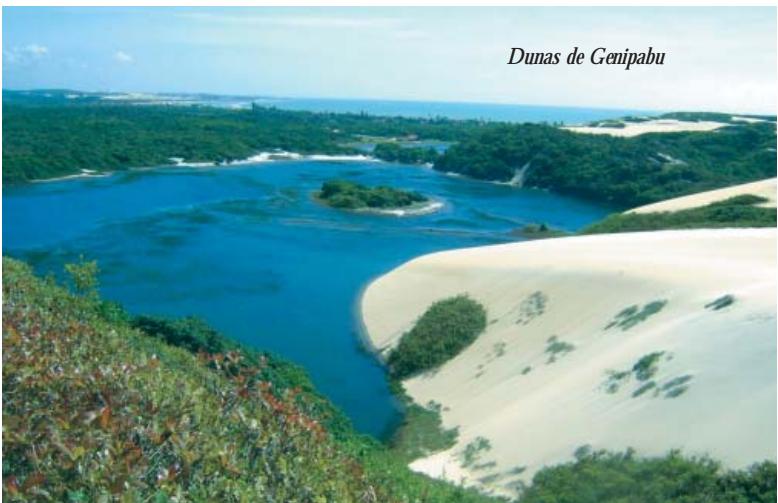


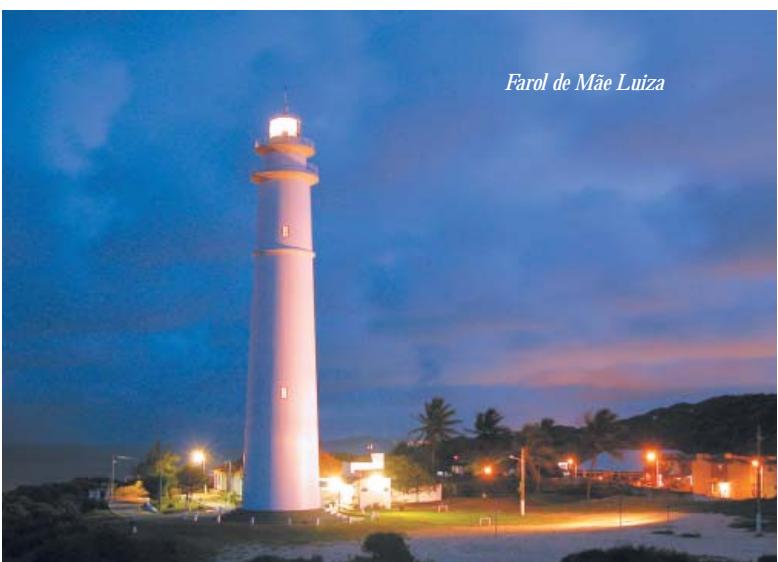
Foto: João A. Rodrigues

Morro do Careca



Foto: Satur/RN

Farol de Mãe Luiza





um lh ar amoroso em travessia por outras travessias

Por Laura Cavalcante Padilha*

A obra *Pelas águas mestiças da história* – Uma leitura de *O outro pé da sereia*, de Mia Couto nasceu de uma dissertação de mestrado que tive o prazer e a honra de orientar no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense.

Passei, por isso mesmo, dois anos com Luana Antunes, sua autora, sempre em meio à alegria que dela emana e à ternura que tem para todos os seus amigos. Agradeço-lhe por isso e pelo convite para abrir seu primeiro livro.

Começo por dizer que o poema com que o ensaio se inaugura, uma quase “ode” à avó, testemunha o gesto de querer ver de dentro a outra terra, que chega primeiro à autora “embalada na voz rouca” da avó, D. Lúcia, a nós apresentada com seu “pilão” e sua “canção [...] de benze-

deira menina”. O leitor, depois do poema, passará, então, pela magia cúmplice de Luana, em sua voz-memória, do vestíbulo do antes do texto, para a sala em que se realiza a festa da chegada do livro.

Pelas águas mestiças da história, ao se propor a ler *O outro pé da sereia*, romance pelo qual Mia Couto encena inúmeras formas de travessia, realizando a autora uma outra e inovadora travessia por questões históricas e políticas, sobretudo no que se refere à mestiçagem, questões estas muitas vezes carentemente conflitantes no país de origem do autor.

Este, por sua vez, sempre fez e faz questão de reiterar o fato de que os africanos, mesmo antes da chegada dos europeus, já se haviam mestiçado profundamente, oferecendo,

com isso, um mote para Luana escolher seu caminho de leitura. Tendo como ponto de ancoragem teórica principal, para pensar a mestiçagem, a obra *O pensamento mestiço* de Serge Gruzinski, mas convocando, igualmente, Appiah; Williams; Fanon; Bhabha e várias outras vozes críticas de nosso tempo, Luana Antunes faz sua própria viagem que se mostra amorosamente cúmplice daquela proposta por Mia Couto em seu romance. Tenta, nesse sentido, desvendar os palimpsestos do texto e as versões que o autor propõe da história de seu tempo e do outro tempo da história que recupera e pelo qual acaba por explicar, não apenas o presente narrativo, mas o seu presente.

Assim, vemos que Mia Couto convoca o passado para assegurar a

memória do futuro do próprio país a que pertence.

Quero assinalar, também, que, apesar do olhar amoroso da travessia de Luana pelas travessias e, às vezes, travessuras estéticas, de “seu” autor, a ensaísta brasileira não tenta falar pelo outro, mas com o outro.

Não busca, por essa razão, como faz a personagem Benjamin Southman, falsas vias de identificação com “um certo continente africano forjado por seu imaginário”, usando suas palavras, mas deixa, sim, a exemplo de Manuel Antunes – personagem do texto de extração histórica (conceito por ela buscado em André Trouche) – que a África lhe vá tomando a pele cultural, para que ela possa, com isso, enfrentar as teias da colonialidade do poder e do saber, praticando, com seu texto, a desobediência epistêmica de que nos fala Walter Mignolo. Se Mia Couto, com e por seu romance, propõe jogos dicotômicos instigantes, pondo em tensão o local e o global; a tradição e a modernidade; o lírico e o narrativo; etc, Luana, destrançando esse mesmo romance, propõe-nos outros jogos, como os da ficção e da história; do saber ocidental e do saber africano; da colonialidade e da descolonialidade; da realidade e da magia; do centro e da margem e iríamos por aí. O fato e a versão ocupam a atenção do autor e de sua leitora, pois, como ensina Mia em *Pensatemplos*: “Para combater pela verdade o escritor (e quem o lê, acrescento eu) usa uma inverdade: a literatura”.

Talvez esteja nessa percepção da função da literatura a possibilidade do mergulho de ambos nas “água mes-
tiças da história” do tempo que estamos todos a viver e em que devemos lutar bravamente contra os essencia-

lismos; a idéia de verdade única; a intransigência teórica, histórica ou metodológica de qualquer espécie; etc.

Já desde a viagem camoniana – e Gonçalo da Silveira não está em *Os Lusíadas* por acaso – aprendemos que os fatos não existem, mas apenas as suas versões.

Camões dá a sua, dizendo ter Gonçalo sofrido “morte e vitupério”, para manter a sua fé, sendo assassinado pela “selvática gente, negra e nua” (X, 93). Pelos cafres, enfim.

Mia propõe nova versão e tenta contar a história por outro ângulo do olhar, dizendo que cafres foi a palavra roubada aos árabes para designar os infiéis, no caso, os africanos que, para os portugueses, não teriam fé nenhuma. Essa fé, profunda e irremediável, projeta-se, no romance, em Antunes e em Mwadia, por exemplo, e nós, leitores, nos deslumbramos com isso. Por sua vez, a ensaísta desata, com cuidado, os fios dessa outra versão. Retrança-os, fazendo-nos o convite para com ela mergulhar no livro do outro e no seu próprio livro, que trazem o marulhar dos rios do outro lugar, Moçambique. Rios mais fortes que os do mar português.

Parodiando um pouco o gesto de Luana Antunes que, antes de concluir seu trabalho, convoca epigráficamente as vozes de Gruzinski, seu teórico-tutor, e de Mia Couto, seu autor, convoco, por minha vez, as vozes deste autor e da ensaísta, ao final de suas travessias. Ambos, a meu ver, desenterram a estrela da palavra, para reenterrá-la no silêncio do texto que se fecha.

Mia aponta, iluminando a figura de Mwadia, para o cerrar da porta e o caminhar da personagem para o rio. Luana, por sua vez, remete à possí-

vel queda de nova estrela e à presença de outro horizonte.

Os dois insistem, assim, na possibilidade de outra travessia, surpreendida na força de seu recomeço:

Mia Couto:

“[Mwadia] apoiou a porta para suavizar o ruído do trinco ao fechar-se. Ainda hesitou, à saída do quintal, como se escolhesse entre que ausentes ela deveria viver. Só depois tomou o caminho do rio.”

Luana Antunes:

*“Aportamos as palavras. Fizemos a travessia imaginária pelas águas mes-
tiças da história, e já agora, quando o
fim se encena na nossa escrita, e quase
entreveremos uma estrela cair ao longe,
em outro horizonte, percebemos que se
apresenta, enfim, o recomeça.”*

Em meu caso, também dou por encerrada a minha travessia, convi-
dando os leitores de Luana para saí-
rem do vestíbulo e buscarem a estre-
la da palavra, no meio da casa. ■

* pesquisadora e professora de Letras Clássicas e
Vernáculas.

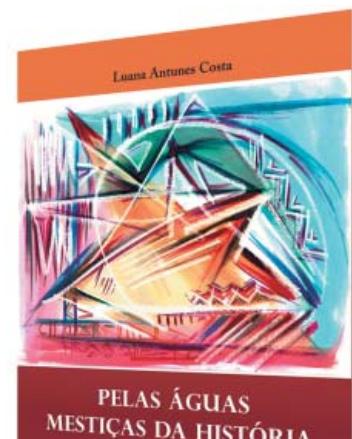


Foto: Divulgação



Onde está a mulher negra?

Por Eliane Barbosa da Conceição*

No ano de 2004, o DIEESE divulgou resultado de pesquisa em que revelava que, no Brasil, até aquela data, era ínfimo o percentual de negros trabalhando nas instituições financeiras de primeira linha. O mesmo documento frisava que as mulheres negras figuravam como o grupo mais discriminado, visto que menos de 2% delas ocupava posição de médio e alto escalão naquelas instituições.

Em 2008, o instituto Ethos divulgou resultado de pesquisa com as 500 maiores empresas do país, revelando que, em 2007, apenas 3,5% do quadro de altos executivos dessas organizações eram afrodescendentes.

Apesar de o estudo não mencionar o gênero desses profissionais, sabe-se que é muito pequeno o percentual de mulher afrodescendente que ocupa cargos de alta posição nas grandes corporações, uma vez que diversas pesquisas têm demonstrado que a mulher negra ocupa as piores posições em nosso mercado de trabalho. Já nas atividades que exigem baixo nível de qualificação, a mulher

negra se encontra extremamente sobre-representada. É o caso, por exemplo, do trabalho doméstico.

Os resultados da PNAD/IBGE de 2006 revelam que, em 2005, existia no Brasil cerca de 6,7 milhões de pessoas no trabalho doméstico. Sendo que desse total, 93,2% era composto por mulheres e o restante por homens. Segundo o estudo, dentre as mulheres, o maior contingente é o das negras: as domésticas representam cerca de 22% das mulheres negras ocupadas. A grande maioria das domésticas, cerca de 72,5%, não tem carteira assinada, desse contingente, 57,5% são negras.

Além disso, a pesquisa ainda revelou que, entre as(os) empregadas(os) domésticas(os), as mulheres negras são que percebem os menores salários.

Os dados apresentados acima sugerem que, em que pese alguns esforços direcionados em políticas de superação de desigualdades raciais nessa primeira década do século XXI, as mulheres negras ainda estão muito distantes de atuar como protago-

nistas na sociedade brasileira.

Talvez estejam mais bem representadas na música. Mas, ainda não conseguem viver com dignidade do fruto de seu trabalho artístico, pelo menos não na proporção em que artistas brancos(as) o fazem. Um pouco mais da metade da população brasileira se autodeclara negra, mas ainda não temos na televisão brasileira uma apresentadora negra; as atrizes negras representam uma pequena fração das centenas de atrizes brancas; as profissionais de jornalismo negras podem ser contadas nos dedos de duas mãos. O mesmo se pode dizer das mulheres negras na política, estão em número muito reduzido nessa área também.

Quanto à sua representatividade nas grandes organizações empresariais, se não forem suficientes as estatísticas apontadas acima, um passeio pela Avenida Paulista, o coração econômico do país, é revelador... É tão pequeno o número de mulheres negras em posição de destaque em nossa sociedade que me pergunto se esse número tem significação esta-



Eliane Barbosa da Conceição

Foto: Arquivo pessoal

tística. Ou seja, se esse número é representativo, diante da vasta quantidade de mulheres negras realizando trabalho não considerado decente.

A mim parece que o trabalho da esmagadora maioria das mulheres negras alimenta o sistema de privilégios dos homens e mulheres brancas de nossa sociedade. Enquanto empregadas domésticas pouparamos os nossos “patrões” e seus filhos do trabalho infrutífero, do trabalho que não significa (dignifica?), do trabalho que não traz resultados econômicos.

Enquanto a empregada doméstica - a diarista, a faxineira - limpa a casa de seus “patrões”, eles e seus filhos estudam, fazem cursos, aprendem outras línguas, viajam.

Enquanto a empregada doméstica cozinha, lava, passa e arruma a casa, por um salário muitas vezes menor que o mínimo e que nem mesmo paga um bom jantar em família, “patrões” e filhos - aliviados dessa carga de trabalho barato - se aperfeiçoam para o mercado do trabalho digno e bem pago. Pior, enquanto

a empregada doméstica serve aos “patrões”, sua própria cria fica em casa. Sem o carinho da mãe, sem sua orientação, sem seu braço forte.

Desorientados, sem a oportunidade de estudar na boa escola, sem investimento para o futuro, percorrerão a mesma trajetória da mãe. Salvo exceções, e considerando a melhor hipótese, as meninas serão as empregadas domésticas de amanhã e os meninos, os lavadores dos carros dos filhos do “patrão”.

Do que precisamos para reverter essa realidade?

Precisamos do posicionamento do Estado: assegurando o direito ao trabalho decente e salário digno aos empregados domésticos; garantido escola pública de qualidade; garantido a permanência das crianças negras e brancas pobres nessa escola; resguardando o direito à igualdade de oportunidade no mercado de trabalho; criando mecanismos que visem resgatar a auto-estima da população negra, de modo que as novas gerações sejam libertadas do medo, da insegurança, do complexo de inferioridade, ou seja, dos fenômenos sociais que têm levado metade da população brasileira a nem mesmo tentar mudar, a nem mesmo saber sonhar. É este o clamor da mulher negra brasileira neste século XXI: chega de maus tratos; chega de pouca instrução; chega das piores posições. Podemos e queremos dar mais para a construção de uma sociedade melhor, na qual nossos filhos não morram tão cedo e nossas filhas floresçam na época certa! ■

*prof. na Faculdade Zumbi dos Palmares, doutoranda na Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas.



Ruth de Souza

Em 65 anos de carreira, a primeira atriz negra a subir ao palco do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, tem um currículo para poucas. São mais de 30 filmes, inúmeras telenovelas, minisséries e peças teatrais.

Junto a outros grandes nomes do movimento negro, ela fez parte do Teatro Experimental do Negro, que tinha como proposta abrir espaço para atores negros. Ao longo de sua carreira recebeu muitos prêmios e homenagens por seus trabalhos em teatro, cinema e televisão. Em 1985, o Centro de Integração da Cultura Afro-Brasileira (CICAB) homenageou seus 40 anos de carreira. Em 1989, recebeu do Ministério da Cultura o prêmio Dulcina de Moraes, na categoria teatro, para artistas que contribuíram para o desenvolvimento da cultura brasileira. Em 2005 recebeu o Troféu Raça Negra, da Afrobras.

Ruth de Souza, uma das nossas maiores atrizes. Com sua atitude, postura, dignidade humana e a forma como sempre honrou seu nome e sua cor, com certeza representa a mulher negra brasileira. ■

Ruth de Souza



56 toneladas de lixo coletadas no Dia Mundial de Limpeza de Rios e Praias em 2008, com a ajuda de 12 mil voluntários em mais de 50 cidades pelo Brasil. 64 mil estudantes beneficiados nos programas educacionais: Valorização do Jovem e Educação Campeã, em parceria com o Instituto Ayrton Senna.

Estimular a reciclagem criando empregos e oportunidades, participar da vida das comunidades em que atua. São ações que fazem parte do dia a dia da Coca-Cola Brasil. Saiba como nós estamos vivendo positivamente e como você também pode fazer a diferença. Acesse:

www.vivapositivamente.com.br

BRASIL
Coca-Cola
VIVA POSITIVAMENTE

Conviver em harmonia

é do Brasil.

O banco que representa a diversidade
deste país e se opõe a qualquer tipo
de discriminação, também.

Todo
seu



21 de março. Dia Internacional Contra
a Discriminação Racial.

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

Banco do Brasil.
É do Brasil. É todo seu.



Andrea Ribeiro da Silva;
Alisson Tomaz de Sousa;
Kaline da Silva Figueiredo;
Karen Priscila Santos de
Carvalho; Douglas Cardoso
Nascimento; Lucas Moreira
Santos.
Participantes do Programa
Aprendiz Banco do Brasil.

É DO BRASIL

Central de Atendimento BB – 4004 0001 ou 0800 729 0001 • SAC – 0800 729 0722
Ouvidoria BB – 0800 729 5678 • Deficiente Auditivo ou de Fala – 0800 729 0088 ou conecte.bb.com.br